



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

**Das limitações do ensino na contemporaneidade
à redescoberta da Filosofia através das
plataformas digitais:
O caso das wiki**

Guilherme Luís Leitão Castanheira

Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em
Ensino de Filosofia no Ensino Secundário
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Joaquim Mateus Paulo Serra

Covilhã, Junho de 2013

Agradecimentos

Ao meu Orientador, Professor Paulo Serra, pelas orientações, que foram fundamentais na construção deste trabalho.

Resumo

A educação é o pilar da nossa civilização. A forma como educamos os mais novos não é a mesma forma usada pelos nossos antepassados. No passado, a nossa educação tinha uma validade útil; atualmente, assistimos a uma intervenção de vários agentes que compõem o tecido social, económico e cultural que rapidamente torna a educação adquirida em causa. Algo está diferente. Uma das grandes responsáveis pela mudança tem um nome, internet. Esta tecnologia alterou a forma como comunicamos e como percebemos o nosso presente, o nosso passado e o nosso futuro. Estas mudanças são visíveis em sectores vários e já fazem parte do nosso quotidiano. No entanto, será que a escola está a acompanhar o desenvolvimento na relação novas tecnologias - aprendizagem? Estarão os alunos consciencializados da importância que a internet tem na educação? Será este novo paradigma uma mutação provisória de algo ainda em desenvolvimento? Pode o ensino da filosofia aproveitar as várias ferramentas da internet para se expandir? Tendo como ponto de partida estas e outras questões, desenvolvi uma experiência na turma CTLH 10 da escola Secundária do Fundão a fim de avaliar o impacto das wiki no ensino da Filosofia e, por conseguinte, concluir se existem potencialidades filosóficas no uso das mesmas.

Palavras-chave

Internet, wiki, informação, ensino, filosofia, conhecimento.

Abstract

Education is the foundation of our civilization. The way we educate children is not the same as used by our ancestors. In the past, our education had a useful validity; we are currently witnessing a fast intervention of several agents that constitute social, economic and cultural bases. Something is different. The big change is made by internet. This technology has changed the way we communicate and how we perceive our past, our present and our future. These changes are visible in various sectors and they are already part of our daily lives. However, is the school following the development in new technologies in what regards learning? Are students aware of the importance that internet has in the education? Will this new paradigm bring about a provisional mutation or something that is still in development? Can the teaching of philosophy use the various tools of the internet in order to expand itself? Starting from these issues, an experience has been developed in the class CTLH 10, the class of philosophy, in order to understand the impact of wikis in the teaching of philosophy and understand if there is potential in using them.

Keywords

Internet, wiki, information, teaching, philosophy, knowledge.

Índice

Introdução.....	2
Capítulo 1. Da Internet à “inteligência coletiva”: as wiki.....	5
1.1. A internet na sociedade da informação.....	5
1.2. A evolução da Internet e da Web	7
1.3. A(s) cultura(s) da Internet	8
1.4. A internet e a “inteligência coletiva”	10
1.5. A wiki como forma de “inteligência colectiva”	15
Capítulo 2. A wiki no ensino da Filosofia	16
2.1. Liberdade e responsabilidade	19
Capítulo 3. Estudo empírico	20
3.1. O ensaio com a wiki	20
3.2. O questionário sobre a Internet.....	23
Conclusão	30
Referências	31
Anexos	35
Anexo 1.....	36
Anexo 2.....	43
Anexo 3. Questionário	48
Anexo 4. Caraterização das redes sociais	50

Lista de Tabelas

Tabela 1. Wikis dos vários grupos.....	21
Tabela 2. Categorias de pesquisa.....	25

Lista de Acrónimos

UBI	Universidade da Beira Interior
WWW	World Wide Web

Somos quem se apresse.
Do tempo a passada
tomai-a por nada
no que permanece

Tudo o que acelera
foi depressa e vão;
no que fica, espera
nossa iniciação.

Ao tentardes voo,
juvenil ardor
não gasteis em vão.

Tudo repousou:
o livro e a flor,
luz e escuridão.

Rainer Maria Rilke

Introdução

A internet desencadeou uma enorme revolução na forma como comunicamos com o outro. Muitas são as causas dessa importante relação existente entre o utilizador e o *topos* virtual. Existe, claramente, uma forma que remete o sujeito a um lugar novo cuja identidade reenvia para uma cultura construída sob a crença do progresso humano.

Quando falamos de internet falamos de uma libertação dos sentidos e da procura dos nossos objectos e ideias mais intimas. “E enquanto o corpo está confinado a um planeta, ao longo do qual se arrasta com dor e dificuldade, o pensamento pode, num instante, transportar-nos para as mais distantes regiões do universo ou mesmo para lá do universo, para o caos ilimitado, onde a natureza, por suposição, se encontra em total confusão.” (Hume, 2008, p. 23).

A internet tornou-se, no nosso tempo, um espaço de partilha de informação, lugar propício a uma soberania subjetivista. Com a internet e com as potencialidades que absorvemos dela passámos a controlar os caminhos que queremos trilhar.

Somos navegadores independentes e com nau própria. Deixámos de precisar de autorizações papais para nos lançarmos ao mundo. Conseguimos concretizar sonhos e adotar uma personalidade com movimentos de natureza global, juntos somos uma rede de construtores de informação que combate o arcaísmo rompendo fronteiras e unindo interesses. Devido ao romantismo supracitado, torna-se compreensível que novas gerações de utilizadores vejam na internet uma nova extensão de si mesmos. Isto é, esta tecnologia é a responsável por um conjunto de experiências e sentimentos específicos que criam um visões que conferem sentido à existência a partir de uma nova forma de comunicar em sociedade, e onde se fomenta a transmissão de um paradigma em que o homem assume um outro valor e alcança uma dimensão mais vasta e cosmopolita.

Assim, como clarificar o papel do ensino da Filosofia num ensino secundário em que a internet surge cada vez mais no discurso e numa lógica de recurso pedagógico?

O tema que escolho tenta observar as limitações do ensino na contemporaneidade à redescoberta da Filosofia através das plataformas digitais, usando como caso prático a plataforma wiki. Parte-se, para isso, do princípio de que, como refere o programa, a disciplina de Filosofia se encontra “Inscrita na componente de formação geral de todos os cursos do ensino secundário, a disciplina de Filosofia é reconhecida em Portugal como componente imprescindível da formação geral da educação secundária, o mesmo é dizer da educação da grande maioria das jovens e dos jovens portugueses, e que num futuro próximo será desejavelmente a totalidade.” (Almeida, Henriques, Vicente & Barros, 2001). O programa de Filosofia vai ainda mais longe, delineando orientação de que “a disciplina de Filosofia deverá, pois, promover condições que viabilizem uma autonomia do pensar,

indissociável de uma apropriação e posicionamento críticos face à realidade dada, que passa por pensar a vida nas suas múltiplas interpretações. Tal imperativo determina a prática da interpretação como via para a apropriação do real e da consciência de si -interpretação dos textos, das mensagens dos media, das produções científicas e tecnológicas, das instituições, em suma, da(s) cultura(s). Desta maneira, a intencionalidade estruturante da disciplina de Filosofia, no ensino secundário, deverá ser: contribuir para que cada pessoa seja capaz de dizer a sua palavra, ouvir a palavra do outro e dialogar com ela, visando construir uma palavra comum e integradora.” (Almeida, Henriques, Vicente & Barros, 2001)

Para conseguir, de forma clara e sucinta, justificar a necessidade de novos métodos, que vão ao encontro das novas realidades que a internet criou no nosso quotidiano, nomeadamente na educação, apliquei na turma CTLH 10 um exercício prático de criação e utilização de uma wiki filosófica.

Em termos genéricos, a wiki “é um sítio (site) na Web para o trabalho colectivo de um grupo de autores, a sua estrutura lógica é muito semelhante à de um blog, mas com a funcionalidade acrescida de que qualquer um pode juntar, editar e apagar conteúdos ainda que estes tenham sido criados por outros autores.” (Coutinho, Bettencourt & Batista, 2007, p. 201)

Para conseguir estudar a forma como as novas tecnologias da informação podem potenciar a interação entre os saberes filosóficos e os alunos, desenvolvi uma metodologia onde fosse possível criar uma espécie de sala de aula virtual, no ciberespaço.

Pode o professor ser o mediador entre o saber, os alunos e o ciberespaço? Pode o ensino da Filosofia ser mais eficaz e eficiente usando a wiki enquanto espaço que respeite os métodos tradicionais do trabalho filosófico? Será este um caminho que complementa estratégias e metodologias capazes de dotar o ensino da Filosofia de uma nova dialética? Será ainda muito cedo para dar sentido a estas novas concepções didáticas e pedagógicas?

Até há bem pouco tempo a internet era um espaço usado por uma elite dotada de tecnologia e conhecimento necessário para fazer uso dela. As aplicações práticas que esta tecnologia trazia para o cidadão/utilizador comum não refletiam o que hoje presenciamos. Isto porque o que a caracterizava a Web, num período que designamos de Web 1.0, era o seu carácter estático e a sua função de repositório de informação.

Atualmente, derivado às novas formas de cibercultura que surgiram dando resposta às várias necessidades da procura humana em rede, a internet sofreu um avanço no que respeita à sua relação com o utilizador. A interactividade permitiu incentivar fenómenos coordenados de comunicação na rede. Estas mudanças produziram conteúdos e oportunidades que alimentam um número crescente de entusiastas a instalarem-se no ciberespaço e a fazer dele ciberdemocracias e organizações assentes na criação de objetivos e experiências inovadoras. A este espírito de partilha de informação chamamos Web 2.0.

As ferramentas que constituem a Web 2.0 possuem o propósito de colaborar e não de controlar (O'Reilly, 2005). Em rede, o usuário colabora segundo interesses partilhados. Isto dá origem àquilo a que Lévy chama uma “inteligência colectiva” - e que usa, no caso da wiki, a

possibilidade de os sujeitos exporem, construírem e partilharem na rede todo o conhecimento.

Estas sinergias fazem todo o sentido, quando adaptadas ou exploradas em contexto escolar. A minha experiência teve como propósito aproveitar as novas tecnologias e construir, com os alunos, uma pedagogia de rede. Através de tutoriais, construídos especialmente para o efeito, enviei para a *mailing-list* da turma todos os passos que deveriam seguir para a construção da wiki. A fim de tornar a experiência mais enriquecedora, solicitei aos alunos que construíssem grupos. Estes tiveram liberdade para escolherem o nome do espaço wiki e a sua formatação (cores, letras, imagens etc...).

Dos 7 grupos, só 2 é que não mostraram interesse na construção da wiki. Contudo, a grande maioria aceitou o desafio e os resultados foram deveras positivos.

São precisamente esses resultados que enquadro teoricamente, apresento e analiso no decurso deste Relatório de Estágio.

Capítulo 1. Da Internet à “inteligência coletiva”: as wiki

1.1. A internet na sociedade da informação

Manuel Castells, na introdução da sua obra *La galaxia Internet* (2001), enaltece de forma enfática o maravilhoso feito que a internet representa para actividade humana. O mesmo compara a utilidade que a internet possui na era da informação com a do motor eléctrico na era industrial.

A Internet é o tecido das nossas vidas. Se a tecnologia de informação é o equivalente histórico daquilo que a electricidade pressupôs na era industrial, na nossa era poderíamos comparar a Internet à rede eléctrica e ao motor eléctrico, dada a sua capacidade para distribuir o poder da informação em todos os domínios da actividade humana. (Castells, 2001, p. 15).¹

A era da informação, paradigma da sociedade actual, introduz um novo conceito: a *rede*. No entanto, o conceito de rede é reatualizado, já que desde os romanos que as estradas viárias ou pedestres constituíam uma forma de interligação entre pessoas, povos e nações. Isto é, quando nos referimos ao conceito de rede nas tecnologias de informação, teremos que recuar ao tempo em que outros tipos de plataformas serviam como meio de comunicação. As redes viárias, marítimas, ferroviárias, entre outras, possuíam a mesma estrutura, talvez não tão complexa, cuja utilidade seria a de unir pessoas, culturas e interesses.

Esta ideia de rede na era da informação permite observar a complexidade evolutiva que a tecnologia internet representa no habitat humano, na medida em que oferece uma nova possibilidade na expressão humana e valoriza a singularidade do individuo. (Lévy, 1999, p. 234)

Com a internet surgiram três processos que configuram uma nova estrutura social e económica baseada nas redes:

- Uma economia flexível assente na gestão e na globalização de capital;
- A produção de novas aplicações e produtos que acompanham as tendências do ciberespaço;
- Um comércio em cujas trocas surgem novos parceiros.

¹ “Internet es el tejido de nuestras vidas. Si la tecnología de información es el equivalente histórico de lo que supuso la electricidad en la era industrial, en nuestra era podríamos comparar a Internet con la red eléctrica y el motor eléctrico. dada su capacidad para distribuir el poder de la información por todos los ámbitos de la actividad humana.”

O que Castells pretende é argumentar que o que antes era um exclusivo de uma minoria especializada em tecnologia, com a internet tornou-se um paradigma. Hoje comunicamos com a maior das facilidades, por exemplo, com um indivíduo da Coreia do Sul, ou compramos um sabonete feito com folhas de Anthemis austríaca vindo de Israel.

A ideia de rede é uma ideia que coloca o indivíduo no centro da globalização. Existem vantagens, bastante sólidas, que favorecem a sustentabilidade da rede. Uma rede só é possível porque existe quem faça parte dela. Quer dizer, a internet, enquanto tecnologia, é o fruto e empenho da própria rede. É uma construção sustentada que varia consoante o princípio básico da oferta e da procura. A rede somos nós.

Mas afinal, que tecnologia é esta que tem alterado radicalmente os horizontes da comunicação?

A internet surge como necessidade de criar ligações seguras de partilha e armazenamento de informação, inicialmente para uso governamental, nos EUA.

Com o lançamento, por parte da Rússia, do primeiro satélite artificial, o Sputnik, os EUA entraram numa espiral de desconfiança tremenda. Isto porque viam no satélite uma artimanha soviética para roubar informação e até mesmo para preparar um ataque massivo às principais bases militares dos EUA.

É em grande parte devido ao efeito Sputnik que surge a necessidade de criar uma nova estratégia de comunicação que vise a segurança interna dos EUA. Assim, nasce a ARPA (Advanced Research Project Agency), cujo objectivo seria o de desenvolver programas respeitantes aos satélites e ao espaço.

Pouco tempo mais tarde, e com o surgimento da NASA (National Aeronautics & Space Administration), o projecto ARPA assume um papel mais orientado para a área informática recém-criada. A partir desse momento a internet iria assumir contornos sem precedentes na área da utilização técnica. Ao mesmo tempo, ela faria com que o conceito de comunicação se alterasse profundamente até aos dias de hoje.

Vistas as potencialidades de um sistema capaz de armazenar e distribuir informação em tempo real e de forma segura e intacta, os utilizadores e construtores tentaram, com sucesso, facilitar o uso da internet de forma a massificarem essas mesmas potencialidades. Isto só foi possível porque existiu um esforço por parte de diversos cientistas, isto é, houve um entendimento entre comunidades científicas para simplificar os antigos protocolos de intercâmbio de mensagens em protocolos universais e adaptáveis ao mais comum dos *hardwares* e, por conseguinte, ao utilizador comum.

1.2. A evolução da Internet e da Web

No entanto, a internet, como já foi referido anteriormente, permite observar a complexidade evolutiva que se estabelece através da relação entre a oferta e a procura do utilizador.

Assim, observando, através de uma óptica de utilizador, as funções práticas da internet de há 20 anos, percebemos que não são as mesmas do agora.

Para caracterizar as diversas transições “geracionais” que o uso da internet trouxe ao indivíduo, podemos identificar três momentos na evolução da WWW (World Wide Web):

WEB 1.0 - A forma como é disponibilizado e visualizado conteúdo na internet é muito limitada e estática. Não há uma interação entre o utilizador e a máquina. O conteúdo colocado na rede (WEB) tem uma função de apresentação e não de interação.

WEB 2.0 - Para contrariar a monotonia e alguma complexidade na forma como se programava e disponibilizava conteúdo / informação na web, foram criadas ferramentas facilitadoras e integradoras como as *wikis*, os *blogues*, etc.. Com estas ferramentas, o fluxo de informação cresceu e nasceu uma nova forma de comunicar, partilhar e discutir. Os utilizadores interagem entre si trocando informação e transformam a web numa nova forma de comunicar, usando uma linguagem e dinâmica típicas da rede. É na Web 2.0 que o conceito de rede se fortifica, numa ascensão sem precedentes que proporciona a articulação entre a expressão e o habitat do utilizador. Isto é, com a simplicidade a nível do *software*, e com a massificação do *hardware* (telemóveis, *tablets*, computadores portáteis, etc.), o utilizador vê no uso da internet uma nova forma de expressão do seu sentido. Esta nova forma de expressão permite que ninguém fique refém do aparente que a imagem corpórea e ideológica possa representar. Um *punk* de Trás - os - Montes, ao estar em rede, deixa de ser o *punk* anti social da aldeia e passa a ser membro de uma comunidade gigantesca. É por isso muito natural observarmos que as redes sociais, e apesar da fadiga que muitas vezes elas criam, são autênticos fenómenos que corporizam a expressão Web 2.0. Senão vejamos: segundo dados do Internet World Stats, em 30 de Junho de 2012, em Portugal, acediam 5.950.445 utilizadores à internet, sendo que, até trinta e um de Dezembro de 2012, 4.663.060 estavam registados no Facebook. Se esta rede social - o Facebook - fosse um país, seria o terceiro mais populoso do mundo, isto porque, até finais de 2012, estavam registados cerca de mil milhões de pessoas (utilizadores), um pouco menos que os habitantes da China (1.344.130.000) e da Índia (1.210.193.422).

WEB 3.0 - Ao existir um colossal fluxo de informação entre utilizadores, percebeu-se que havia um défice de organização de conteúdos. A dispersão de materiais e a quantidade dos mesmos fez com que surgissem novos conceitos como as *tags* (etiquetas) e as *meta tags*. Assim, e como meta organizativa da informação, pretende-se que a Web 3.0 seja um novo

passo qualitativo na sistematização organizacional entre o que é procurado, o que é encontrado e a utilidade que esses factores possam ter na relação com o utilizador.

Já Paul Virilio é mais pessimista quando, na sua obra *A velocidade de libertação*, refere que existe uma perspectiva do tempo real que nos atinge e contamina com uma poluição eletro-ótica e acústica (Virilio, 2000, p. 48).

No entanto, presenciamos uma época extraordinária em que, apesar da rapidez e dos receios, vivemos entusiasmados com as potencialidades que esta rede de informação nos apresenta no nosso quotidiano.

A influência da internet irá ao ponto de manipular a nossa percepção comportamental?

Manuel Castels assume como premissa chave que a atividade humana assenta na comunicação. Note-se que não é o único a pensar assim. Já no séc. XVIII, John Locke, no *Ensaio sobre o entendimento humano*, refere que reside no acto de comunicar a sobrevivência da espécie humana, isto porque é através da comunicação que a ideia passa a conceção e, assim, faz perdurar o nosso legado, seja ele histórico ou cultural. Como sublinha Castells (2001, p. 12), “Como a atividade humana está baseada na comunicação e a Internet transforma o modo pelo qual comunicamos uns com os outros, as nossas vidas veem-se profundamente afectadas por esta nova tecnologia da comunicação.”²

1.3. A(s) cultura(s) da Internet

Com a difusão global da internet surge, inevitavelmente, uma cultura da rede que transforma, motiva, constrói e destrói caminhos sem deixar de proporcionar novos elementos de expansão à nossa comunicação.

Podemos definir quatro tipos de estratos culturais que correspondem a diferentes motivações de uma cultura da internet (Castells, 2001, p. 51-53).

Primeiro: cultura tecno-meritocrática. Composta por uma comunidade científica - universal que se apoia no conhecimento académico para assumir a própria criação da internet ao nível tecnológico.

Segundo: cultura *hacker*. Ao contrário dos tecno-meritocráticos, que assumem o conhecimento para si mesmos, os hackers idealizam uma internet acessível a todos e protagonizam a tentativa de assumir uma liberdade total no acesso à internet e, por conseguinte, à informação disponível na mesma. Os *hackers* desmistificaram a complexidade

² “Como la actividad humana esta basada en la comunicación e Internet transforma el modo en que nos comunicamos, nuestras vidas se ven profundamente afectadas por esta nueva tecnología de la comunicación.”

da primeira cultura, no que se refere ao acesso, e quebraram as fronteiras do elitismo técnico, criando um código aberto (*open source*) que permitirá, em conjunto (rede), uma inovação alcançável pela grande maioria dos utilizadores.

Terceiro: entusiastas do social. Socializar em rede é o seu lema. Aproveitando as várias plataformas para o efeito, os entusiastas conseguem formar comunidades gigantescas, que revolucionaram a forma como as sociedades são organizadas. Como afirma Castells (2001, p. 70-71),

[...] estas comunidades baseiam-se em duas características culturais partilhadas de grande importância [...]. A actividade das comunidades virtuais engloba a prática da liberdade de expressão a nível global, num tempo dominado por grandes grupos mediáticos e burocracias governamentais censuradoras [...]. O segundo valor partilhado, surgido das comunidades virtuais, é uma espécie de conectividade auto dirigida, ou seja, a capacidade de qualquer pessoa de encontrar o seu próprio destino na rede, e se não o encontra, para criar e publicar a sua própria informação, suscitando assim a criação de uma nova comunidade em rede.

Quarto: os empreendedores. O empreendedor olha para o novo tipo de dinâmica social, onde se consegue estar em todo o lado (rede) de uma forma activa ou passiva, e aplica o seu conhecimento criativo num negócio. Este tipo de cultura empreendedora tem uma expressão progressista e de expansão comercial.

Não obstante um seu lado mais economicista, muito enfatizado por autores como Castells, a internet assume um papel fundamental nas chamadas sociedades da informação ao nível da cidadania.

A este nível, o processo funcional da rede pode ser entendido como uma “inteligência colectiva” (Lévy, 2004), que confere uma identidade sensível ao inteligível. Ou, como afirma Paulo Serra ao referir-se à internet como meio de comunicação:

Esta natureza simbiótica confere, à Internet, capacidades originais: ela permite, por um lado, que uma mesma informação seja dirigida a uma audiência mais ou menos vasta e indiferenciada; e, por outro lado, que cada um dos membros dessa audiência interaja com a informação que lhe é enviada, com a fonte dessa informação e com cada um dos outros destinatários da informação. (Serra, 2002, p. 3)

Esta simbiose existente entre o produtor e o consumidor de informação na internet contrasta com o efeito que outros meios de informação tradicionais, como a televisão, têm sobre o telespectador. Assim, por exemplo o autor alemão Peter Sloterdijk, na obra *Regras para um parque Humano*, sugere que a televisão destruiu o humanismo pela repetição passiva de uma informação que sujeita o homem ao marasmo do individualismo. Nesse aspeto, a televisão contrastará, de forma profunda, com os livros: “Os livros, disse uma vez o poeta Jean Paul, são cartas volumosas dirigidas aos amigos.” (Sloterdijk, 2000, p. 7). O Homem é um ser que, por natureza, age por pulsões. Para o Humanismo clássico *a boa leitura amansa*. Com a alfabetização inicia-se humanização: o homem sai da caverna, sai da menoridade e vai ao encontro da luz. Um defeito deste modelo humanizador é que separa socialmente os que

sabem dos que não sabem. O conhecimento é transformado em poder. Ora, se aceitarmos que não existe uma cultura dominante na internet, e que a própria revolução tecnológica e social que esteve na sua base deveu-se à não predominância burguesa do conhecimento, então podemos estar perante uma nova forma de humanismo, com potencialidades infinitas.

Em 1965, Henri Dieuzeide, no seu livro *As técnicas audiovisuais no ensino*, prevendo já uma revolução informática / visual, refletia sobre uma possível metalinguagem, apoiada em tecnologia visual, que se inseriria “num movimento mais amplo de libertação da função docente”. (Dieuzeide, 1967, p. 157) O principal drama, para este autor, seria o de um docente *robot* que fosse substituído nas suas elementares tarefas de educador ou que concebesse o acto educativo como unidireccional. Assim, as novas plataformas audiovisuais, como a internet, permitem subsidiar a acção do professor se este souber inovar usando-as como extensão proveitosa para uma bidireccionalidade entre o professor e o aluno.

A internet permite infinitas possibilidades na comunicação - mas também nos suscita questões cruciais, que aqui apenas podem ser enunciadas. Assim: será que a experiência do virtual promove a coincidência entre pessoa, tempo e espaço? Ou estaremos perante um novo mundo desprovido daquilo que define o nosso mundo? Como é que o mundo cibernético pode salvar o próprio do humano se não contempla o sentido do tempo e do espaço humanos? Se para Wittgenstein a realidade só é possível através da linguagem, porque a expressa, então como é que a virtualidade da internet possibilita uma representação do que é próprio do humano?

1.4. A internet e a “inteligência coletiva”

Estando em rede, participando e estando em contacto com um vasto mundo de informação, apercebemo-nos da capacidade transformadora que a rede pode gerar. As inovações ao nível tecnológico só são possíveis na relação existente entre informação e conhecimento. Ter acesso à informação não é sinónimo de ter conhecimento e o novo paradigma económico e cultural em que vivemos reforça essa mesma dicotomia.

A chamada “Estratégia de Lisboa” veio realçar a importância, para as sociedades europeias, da criação e consolidação de um projeto que permita à Europa “tornar-se na economia baseada no conhecimento mais dinâmica e competitiva do mundo, capaz de garantir um crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos, e com maior coesão social”. (Conselho Europeu de Lisboa, 2000).

Este desafio, há muito alcançado pelos EUA, pretende disponibilizar e garantir a transição para uma economia digital que promoverá uma melhoria de vida e, por conseguinte, uma sociedade da informação para todos.

O conceito de “aldeia global” que a internet nos sugere deve procurar desenvolver um espaço europeu nas áreas das TIC e, ao mesmo tempo, melhorar a literacia digital, para que

as tecnologias de informação e a sua incontestável capacidade universalizante gerem uma sinergia em termos de valor intelectual, científico e social.

As empresas e os cidadãos deverão ter acesso a uma infra-estrutura de comunicações pouco dispendiosa e à escala mundial, bem como a um vasto leque de serviços. Cada cidadão deverá estar provido das competências necessárias para viver e trabalhar nesta nova sociedade da informação. Os diferentes meios de acesso deverão prevenir a info-exclusão. (Conselho Europeu de Lisboa, 2000)

O que a “Estratégia de Lisboa” pretende é, precisamente, formalizar e potenciar uma tendência há muito existente na rede. Como refere Castells,

A rede já é utilizada pelas pessoas para fazer o que lhes interessa: relacionar-se com os amigos, copiar música, etc. Mas olhem, por exemplo, para o caso dos serviços de saúde. Um hospital pode ter a política de estimular a criação de grupos de entreajuda de doentes, que trocam informação entre si, falam com as enfermeiras, etc. Isso é uma política, que exige recursos e formação, mas pode proporcionar muita informação aos serviços médicos, além de melhorar as condições dos doentes. Não é uma solução mágica, mas se houver essa possibilidade as pessoas tenderão a organizar-se. (Castells, citado em Sousa & Malheiros, 2005)

É indiscutível que vivemos numa sociedade da informação, mas pode o ciberespaço ser um sistema capaz de transformar informação em conhecimento?

Informação designa, geralmente, o conhecimento objectivado sob a forma de uma mediação. Já conhecimento significa a apropriação de informação pelo sujeito tendo em conta a atribuição de um sentido. A abordagem do conceito de informação não é plenamente aceite pelos autores que a teorizam, havendo duas tendências maiores que tentam tomar de assalto esse conceito.

Um grupo de teóricos³ sustenta, principalmente, o carácter auto formador e auto libertador da informação e, conseqüentemente, advogam a reciprocidade entre informação e conhecimento.

Outro grupo de teóricos,⁴ pelo contrário, recusa a ideia anterior, afirmando que não há qualquer relação direta, mas antes inversa, entre o aumento de informação e o aumento de conhecimento. Postman e Baudrillard, defensores deste paradigma da informação e do conhecimento, bifurcam-se, contudo, na argumentação para chegar à mesma conclusão. Assim, Postman (1994) escolhe a via que incide em considerar a *explosão da informação*, desde a criação da imprensa até ao pico da computação informática, como geradora de verdades múltiplas e infinitas, tornando impossível qualquer escolha fundamentada e determinada. Já Baudrillard (1991) escolhe a vereda da mutação da natureza dos *media* da configuração clássica da *representação* para uma nova figuração assente na *simulação*.

Esta menção das posições de Postman e de Baudrillard sugere um ponto de partida: a memória. A memória surge como preliminar na relação entre informação e conhecimento, por dela depender a construção do sentido. Segundo Serra (1999, p. 12-13), não será possível uma

³ Entre outros Nicholas Negroponte (1996) e Daniel Bell (1977).

⁴ Incluem-se aqui autores fundamentais como Neil Postman (1994) e Jean Baudrillard (1991).

memória artificial, gerada pelas tecnologias de informação, que garanta a construção desse mesmo sentido; neste domínio, a memória humana é tão imprescindível quanto a razão e a imaginação Descarta-se, assim, a versão mais recente do “mito da informação”, de acordo com a qual os computadores e as redes, enquanto máquinas da memória, permitiriam assegurar de forma mais ou menos automática o sentido da informação e transformá-la em conhecimento.

Serra segue, nesta questão, a posição de muitos autores, entre eles S. Agostinho⁵ e Henri Bergson (1990, p. 25-26), para quem a memória é um elemento essencial na composição da identidade pessoal e no processo interpretativo. Assim, afirma S. Agostinho:

Realizo estas acções no meu interior, no imenso palácio da minha memória. [...] A partir dessa mesma abundância, com as coisas passadas, eu teço ainda umas e outras semelhanças das coisas, quer as que experimentei, quer aquelas em que acreditei a partir das que experimentei, e, a partir destas, congemino as acções futuras, e os acontecimentos, e as esperanças, e todas estas coisas, mais uma vez, como se estivessem presentes. (S. Agostinho, 2001, p. 55)

A informação e a comunicação não excluem a memória do processo de doação de sentido; elas exigem-na. Em qualquer tempo passado ou presente, a memória constitui o horizonte a partir do qual se manifesta e no qual se incorpora o esforço humano da compreensão de si e do mundo. A hermenêutica existencial assinala a memória como a vida passada que permite ao homem compreender, compreender-se e comprometer-se, ainda que entranhada da mesma fragilidade e finitude que compõe a natureza do homem.

A memória humana, individual, é também a base e o elemento daquilo a que Lévy chamou a “inteligência coletiva”.

A ligação em rede não cria só laços afectivos e sociais. A cibercultura “não possui um centro nem linha directriz”, como afirma Pierre Lévy (1999, p. 111). Este filósofo francês vai mais longe dizendo que estamos perante um universo (sem totalidade) “indeterminado e que tende a manter a sua indeterminação, pois cada nó da rede de redes em expansão constante pode tornar-se produtor ou emissor de novas informações, imprevisíveis e reorganizar uma parte da conectividade global por sua própria conta”. (Lévy, 1999, p. 111)

Quer isto dizer que os grupos humanos, que antes estavam isolados, encontram agora um espaço comum, um lugar familiar de encontro e troca, mas esta ligação social, apesar de desterritorializada pretende-se que seja universal e com um intuito de aprendizagem colaborativa (Lévy, 2004, p. 49).

⁵ Para S. Agostinho, o retorno da alma a Deus é a conversão e o mesmo movimento em sentido contrário, movimento de repulsa de afastamento de Deus, está direccionado para o mundo, para a confusão com os outros corpos, para a ausência de identidade consigo e com Deus. A tentativa da alma em *reorientar-se* a partir de si mesma pela faculdade da memória, para encontrar e encontrar-se a si própria, leva-a à procura de Deus, à procura do Absoluto em oposição ao confuso e ao relativo do mundo.

A ideia de Lévy de universo sem totalidade pretende desviar-se da definição que caracterizava a tradicional forma de transmitir informação. Isto é, sendo a rede um sistema onde não existe um centro exclusivo de disseminação de informação, ele promove uma dialéctica de utilizadores que dá forma à interactividade na comunicação. Aí, cada utilizador é um produtor de informação, seja ela de que natureza for. Ou, como diria Paulo Serra (2006, p. 2), referindo-se a Valéry, estamos perante uma ubiquidade que

[...] pode ser entendida, simultaneamente, quer como ubiquidade da “Realidade Sensível”, transmitida e reproduzida em todos os pontos da rede e, potencialmente, em todo o mundo, quer como ubiquidade do sujeito que, de forma virtual, pode estar sucessivamente em todos os pontos da rede e, potencialmente, em todo o mundo.

O ciberespaço é, deste ponto de vista, a personificação de um ideal ecológico moderno onde cada interveniente é chamado a fazer parte de uma comunidade mundial.

Radica, nesta soma de propriedades, o surgimento de uma memória construída independentemente dos cânones humanistas que nos guiavam no pensamento e nos colocavam sob a chancela de um certo totalitarismo pensante.

A “inteligência colectiva”, consequência da cibercultura, só é possível porque existe um vínculo individual com o conhecimento. Ou melhor, é uma inteligência dividida no pressuposto que ninguém sabe tudo mas toda a gente sabe algo.

Uma inteligência distribuída em todos os lugares: tal é o nosso axioma de partida. Ninguém sabe tudo, toda a gente sabe qualquer coisa, todo o conhecimento está na humanidade. Não existe nenhum reservatório de conhecimento transcendente e o conhecimento não é senão aquilo que as pessoas sabem. (Lévy, 1999, p. 19),⁶

O impacto que uma acção desta natureza tem no mundo actual é constatado nas novas tendências económicas, culturais e educacionais. Esta nova *fábrica global* construtora de *bits* criou uma história repentina onde as propriedades introduzidas ou retiradas pelos utilizadores permitem a construção de um ecossistema assente num modelo colaborativo. (Tapscott, 2007, p. 332)

Com esta rede de colaboração, o ciberespaço ganhou um novo dinamismo social. Através de plataformas de conexão cuja interface é acessível pode-se agregar todo o tipo de conhecimento individual e colocá-lo ao serviço do todo. O caso da scorecard.goodguide.com, uma plataforma ambientalista que serve de base de dados que visam a denúncia das principais empresas poluidoras dos EUA, é um bom exemplo disso. Com este tipo de conhecimento, o utilizador tem acesso directo aos atentados ambientais da sua zona habitacional.

⁶ “Una inteligencia repartida en todas partes: tal es nuestro axioma de partida. Nadie lo sabe todo, todo el mundo sabe algo, todo el conocimiento está en la humanidad. No existe ningún reservorio de conocimiento trascendente y el conocimiento no es otro que lo que sabe la gente.”

Este sistema de “inteligência coletiva” tem uma dimensão ética e política que é crucial para a nova lógica de organização social. O advento da transparência permite incentivar o conhecimento a um novo desafio: o de uma expressão pluralista sem a mediação de representantes. Para Lévy, este aspecto dá corpo ao objectivo tecno-político de uma democracia no ciberespaço. Se recuarmos à antiga Grécia, percebemos que a pergunta *Quem detém o poder na cidade?* em nada se assemelha à orgânica da cibercultura.

Mesmo assim, surgem desafios no campo da constituição de enunciados em termos coletivos: em que condições podemos usar o conceito de “nós”? O que é que esse “nós” pode enunciar legitimamente como colectivo, sem usurpação nem redução da variedade? O que se perde quando dizemos “nós”? (Lévy, 1999, p. 46).

A “inteligência colectiva” é uma forma de *emergentismo*⁷, aplicado ao conhecimento no ciberespaço. Ao não existir inércia na *forma*, o utilizador potencia uma ideia de espontaneidade que por si só serve de alternativa ao determinismo existente na forma tradicional de reprodução de informação.

A internet, para além de ser um colossal repositório de informação acessível a quem detiver um mecanismo que a descodifique, é também um múltiplo espaço onde a palavra humana percorre, em directo, uma “industrialização da visão”. (Virilio, 2000, p. 123),

Recentemente, o UCLA Medical Center, na Califórnia, tornou-se o primeiro centro hospitalar a efectuar uma cirurgia ao cérebro com o paciente acordado, transmitindo-a ao vivo através da rede social Twitter. Era possível a qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, assistir aos comentários e a todos os procedimentos que os médicos estavam a efectuar no paciente.

A Procuradoria-Geral da República Portuguesa disponibiliza, através do seu sítio oficial na internet, um espaço para denúncias de fraude e corrupção. Qualquer utilizador, mantendo o anonimato, pode apresentar a sua denúncia directamente no Departamento Central de Investigação e Acção Penal, sem as complexidades que uma acção desta natureza envolveria, o que eleva os níveis de cidadania e promove uma democracia renovada e mais atenta.

A internet é este mundo de possibilidades incontestáveis que alteraram comportamentos, sejam eles cívicos ou culturais, do individuo do século XXI.

Deste modo, seria redutor catalogar a internet como um mero repositório de informação, na medida em que existe uma tendência para se configurar a tecnologia às necessidades que a contemporaneidade exige, criando valor e alicerçando uma ininterrupta sinergia na colaboração.

Nesta “inteligência colectiva” o homem tem o desafio de se actualizar de forma a não perder a memória da sua própria identidade, já que uma cultura sem memória colectiva não sobrevive aos tempos. No entanto, a cibercultura pretende conseguir compatibilizar o

⁷ Teoria que contrasta com o reducionismo. O emergentismo defende que o todo é maior que a soma das partes, que existe uma interação das partes que origina algo maior que a mera adição.

universal com o particular, de forma a respeitar uma diversidade que permita a cada comunidade e a cada indivíduo conservar uma visão afirmativa da sua própria história.

1.5. A wiki como forma de “inteligência colectiva”

É precisamente esta *autopoiesis* com carácter histórico que é responsável pelo sucesso da wiki. A wiki, para além de representar o espírito da “inteligência colectiva”, é a ferramenta que permite manter uma metodologia de edição colaborativa.

O termo wiki deriva do havaiano, e significa “rápido”. O pressuposto conceptual da wiki é o de que cada um pode editar, cada um pode ser o autor, o criador de conteúdo. A wiki encontra-se em código aberto e, tal como o Linux, possibilita a sua modificação instantânea, tanto ao nível da programação como ao nível da informação. Este tipo de ferramenta inova na facilidade empática entre o utilizador e a máquina, de tal modo que podemos mesmo afirmar que ele é um *ícone* da Web 2.0.

Trabalhar em wiki é fortalecer laços de compromisso com o conhecimento e agilizar novas formas e experiências no ciberespaço. Como sublinha Pierre Lévy,

A inteligência colectiva permite passar de um modelo cartesiano de pensamento baseado na ideia singular do *cogito* (eu penso), para um plural colectivo *cogitamus* (nós pensamos). Este conceito apresenta sérias implicações para a construção de uma genuína construção de uma verdadeira democracia, criando uma ágora virtual integrada na própria comunidade e que permite uma análise de problemas, partilha de conhecimentos e de uma tomada de decisão colectiva.” (Lévy, 1999, p. 7)⁸

⁸ “La inteligencia colectiva permite pasar de un modelo cartesiano de pensamiento basado en la idea singular del *cogito* (yo pienso), para un colectivo o plural *cogitamus* (nosotros pensamos). Este concepto tiene serias implicaciones para la construcción de una verdadera democracia, creando una especie de ágora virtual integrada dentro de la comunidad y que permite el análisis de problemas, intercambio de conocimientos y toma de decisión colectiva.”

Capítulo 2. A wiki no ensino da Filosofia

Neste capítulo irei explorar o contributo que a wiki e a Web 2.0 podem dar numa sala de aula de Filosofia.

Como já foi referido anteriormente, a Web 2.0 designa um novo paradigma na forma como nos envolvemos no ciberespaço: aproveitando o saber individual, poderemos construir um saber maior e especializado, envolvendo todos num só. Esta nova abordagem associada à rede consegue fazer do utilizador o próprio produtor de conteúdos.

No livro *Wikinomics: How Mass Collaboration Changes Everything*, Don Tapscott e Anthony D. Williams identificam sete modelos que demonstram a capacidade e vantagens das *mentes em colaboração* ao serviço de uma economia:

1. As pessoas que trabalham na produção com os seus pares aplicam princípios do código aberto para criarem produtos compostos de *bits* (de sistemas operativos a enciclopédias).
2. As ideógoras proporcionam às empresas o acesso a um mercado global de ideias, inovações e mentes singularmente qualificadas que elas podem usar para alargar a sua capacidade de resolução de problemas.
3. As comunidades de prosumidores podem ser uma fonte inacreditável de inovação se as empresas concederem aos seus clientes as ferramentas de que elas necessitam para participar na criação de valor.
4. Os Novos Alexandrinos estão a introduzir um novo modelo de ciência da colaboração que diminuirá o custo e acelerará o ritmo do progresso tecnológico nas respectivas indústrias.
5. As plataformas de participação criam um palco global onde grandes comunidades de parceiros podem criar valor e, em muitos casos, novas empresas num ecossistema altamente sinérgicos.
6. As fábricas globais aproveitam a capacidade do capital humano, sem fronteiras e limitações organizacionais para conceberem e montarem objectos.
7. Os locais de trabalho *wiki* aumentam a inovação e melhoram o moral, na medida em que ultrapassam todas as barreiras hierárquicas, com todo o género de formas pouco ortodoxas. (Tapscott & Williams, 2007, p. 289)

Um dos casos de maior sucesso e que, de certa forma, popularizou o conceito de wiki, é a wikipédia.

Um Wiki é um Website para o trabalho colectivo de um grupo de autores. A sua estrutura lógica é muito semelhante à de um Blogue, mas com a funcionalidade acrescida de qualquer visitante poder clicar para modificar, agregar ou suprimir o conteúdo da página, ainda que este tenha sido criado por outros autores. (Coutinho & Júnior, 2007, p. 66).

Esta forte ligação existente entre o utilizador e a forma como interage com a rede permite dar um salto qualitativo entre aquilo que era a Web 1.0 e a Web 2.0. Tal como já foi referido anteriormente, o utilizador passa a ser o produtor de informação, e esta simbiose entre os vários produtores e a informação dá origem a um tipo de descoberta que permite preencher o vazio do ciberespaço numa experiência radical baseada na confiança mútua.

Esta experiência contrasta um pouco com a ideia tradicional do livro impresso, providenciando a uniformidade repetível da linha, cómoda à visão, bem assim como a facilidade do seu transporte, cultiva o individualismo. O homem dispõe da possibilidade de ler em privado e isolado de outros. O livro sugeriu o poder crítico do distanciamento e do não envolvimento. (Domingues, 2010, p. 156)

Esta tecnologia permite o inconformismo em relação ao determinismo característico das tradicionais formas de representação da informação - dado que, na rede, estamos perante um espaço não totalizante, possuindo o poder de produzir e confrontar o estabelecido, não havendo uma hierarquia que nos determine a organizar e a transformar a informação de uma forma preestabelecida.

A wiki, por ser de fácil edição, permite que qualquer pessoa ligada à internet possa aceder à aplicação, editando e produzindo informação/conteúdo de forma livre e com a vantagem de a mesma ficar disponível a qualquer utilizador.

Assim, há razões para que o uso das wikis nas escolas seja visto como uma ferramenta muito útil para a melhoria na aquisição, compreensão e aplicação de conhecimentos em diversas actividades educativas. Em particular, elas fomentam uma personalização de conteúdos direccionados para um público-alvo peculiar, isto é, podemos adaptar funções e padrões individualmente.

Reforçando a ideia de um contexto pragmático, Bottentuit Junior e Coutinho (2008, p. 339) referem que as wikis

[...] permitem que os indivíduos escrevam tanto para benefício pessoal como para a partilha de saberes/ideias com os companheiros de uma mesma equipa/turma/escola. A criação e desenvolvimento de portfólios é outra área de eleição para a qual os wikis se ajustam muito bem na medida em são ferramentas que possibilitam a organização dos materiais digitais pela criação de conexões e redes de conhecimento hipertextuais. Nas bases de conhecimento colaborativo, os grupos podem usar os wikis para criar uma base de dados de conhecimento compartilhado. Por exemplo, numa turma, os alunos desenvolvem em pequenos grupos uma parte do projecto geral, e o wiki funciona como o site/repositório colectivo para que todos contribuam e onde todos são responsáveis pela manutenção e desenvolvimento.

Existe aqui, certamente, uma “arquitetura da participação” (Anderson, 2007) que impulsiona o uso da rede a fim de melhorar os níveis de qualidade no acesso e na descentralização dos conteúdos; e certamente que, como refere ainda o autor, quantas mais pessoas estiverem em rede mais recursos existirão. Talvez seja por isso mesmo que a escola em geral e o ensino da filosofia em particular devam estar na frente destas novas orientações que moldam a nossa forma de comunicar.

Com efeito, a filosofia é uma disciplina cujo conteúdo programático obedece a princípios cuja “vocação educativa” deve colocar “a questão das atitudes e dos valores como matriz geradora do seu funcionamento, contribuindo para a formação da consciência cívica da juventude [...]” (Almeida, Henriques, Vicente & Barros, 2001).

Através do uso da wiki os alunos aperfeiçoam e reforçam algumas competências e valores, tais como o compromisso e a responsabilidade. O trabalho filosófico na sala de aula é acompanhado por várias técnicas didáctico-pedagógicas que, para além, de fomentarem atitudes e valores, desenvolvem o carácter da pessoa. Da análise de texto ao debate, os alunos são convocados a participar afincadamente e de forma progressiva numa materialização dos conhecimentos adquiridos.

Ora, todo o trabalho feito na sala de aula é recordado e memorizado em forma de apontamentos escritos no caderno diário que, por sua vez, têm uma durabilidade, isto é, possuem uma validade muito limitada, na medida em que não transitam de ano para ano e por conseguinte, acabam por se perder.

A autenticidade em poder contornar o problema da materialização do trabalho filosófico na sala de aula nasce com a wiki.

Sendo a disciplina de filosofia lugar de conceptualização que permite dotar os alunos de uma consciência pragmática do que os rodeia, seria uma mais valia, que os próprios manifestassem esse compromisso e responsabilidade através da memória colectiva no ciberespaço. Este compromisso irá criar hábitos salutareos na contribuição de informação filosófica na rede. Uma vez que é na rede que os alunos pesquisam e recolhem informação, seria importante consciencializa-los a fazerem parte de comunidades construtoras de saber. Um outro ponto relevante passa pela monitorização que o professor tem do aluno. Numa sala de aula, o professor não avalia a qualidade dos apontamentos ou resumos do aluno, muito menos, dos alunos. A única forma, ou momento - na sua grande maioria - em que o professor de filosofia tem contacto com a materialização do conteúdo filosófico é nos testes de avaliação, e pontualmente em pequenos trabalhos práticos desenvolvidos na sala de aula. O fato de a wiki ser dotada de tecnologia de monitorização e de estar *online* permitirá ao professor arrecadar mais informação acerca das dificuldades dos alunos, sejam elas em termos de escrita ou de conceptualização de enunciados filosóficos. Isto irá permitir, a curto prazo, identificar e impulsionar mudanças particulares na aprendizagem e na abordagem que o professor terá com alunos de maiores dificuldades.

Estimular a escrita é também estimular o pensamento, isto faz todo o sentido no campo da pedagogia a ter em conta na disciplina de filosofia. Este aperfeiçoamento encaminha o aluno a uma atitude de ligação organizada e a um processo evolutivo no campo da cognição e compreensão da matéria filosófica.

A pesquisa e análise de informação recolhida na internet pode conter falhas graves a nível científico. Fazermos, com os alunos, um trabalho metodológico no ciberespaço permitirá, a longo prazo, criar laços e vínculos inovadores na forma como encaramos a credibilidade (ou não) dessa mesma informação. Começar já a proporcionar aos alunos uma atenção redobrada acerca do assunto supracitado protegerá estes alunos da insuspeita de matérias e opiniões. Este desenvolvimento colectivo proporciona vantagens na configuração de novos diálogos entre pessoas / utilizadores.

2.1. Liberdade e responsabilidade

A internet quebrou fronteiras e introduziu o Homem numa estrutura de conhecimento cuja representação ainda não conseguimos definir com certezas. A velocidade, muitas vezes descrita como uma antinatural consequência dos tempos modernos, remete-nos para novas abordagens no ato de agir e pensar. Estamos a um *click* dos nossos desejos e ambições. Com esta tecnologia conseguimos visitar os principais museus europeus como conseguimos criar boatos e injurias. As ferramentas associadas à internet transportaram o mundo real para um mundo virtual.

A liberdade em rede, mais do que um exercício que nos conduz à forma como nos entendemos, apresenta-se como uma prova de racionalidade : onde a razão é a raiz última da liberdade.

O fascínio humano pela máquina passa pela possibilidade de realizar o sonho. O homem sonha, a máquina concretiza. E o homem sonhou um espaço-outro onde a realização não encontrasse limite, um espaço aberto, ilimitado, rizomático, definido em função do desejo, sem ruído. Um espaço que é pura lógica, ideia e comunicação. (Catarina Moura)

Este entusiasmo cria responsabilidades que não são obstáculos ao homem livre, mas pretende-se que seja uma representação do fascínio na transmissão dos costumes que determinam o comportamento humano. Estando em rede e fomentando práticas que sigam os propósitos do entendimento, conseguimos que seja possível reconhecer as implicações. Estando em rede, construindo e produzindo informação para a mesma, urge uma necessidade de responsabilidade na construção da informação, de forma a que esteja acessível a todos e, deste modo, partilhada responsabilmente. Mas este tipo de atitude tem que ser trabalhada e incentivada.

Neste contexto, o uso da wiki fornece o que de melhor o ensino da filosofia procura desenvolver nos alunos: espírito crítico, autonomia na busca de sentido e respeito pelo Outro. A filosofia não nasce, exclusivamente, na sala de aula. E, mesmo quando feito na sala de aula, o ensino da filosofia procura pôr em marcha um processo cognitivo que visa dotar os alunos de ferramentas úteis para a compreensão do mundo real em que eles habitam. O ciberespaço, através das wikis, promove a “arquitetura da participação” em ambiente escolar. Através da conceptualização e da discussão de enunciados filosóficos nessas plataformas, os alunos acedem a uma consciência colectiva que permitirá prolongar a extensão do pensamento filosófico aprendido na aula e fora dela. O aluno contribui, assim, com a sua participação no trabalho filosófico.

Capítulo 3. Estudo empírico

Durante o ano letivo de 2012/2013, na turma CTLH 10, ensaiei o uso de uma wiki dedicada à Filosofia. Os desafios que teria com a turma seriam diversos: como motivar o trabalho colaborativo exclusivamente *on-line*? Que linguagem aplicar? Simplificada? Académica? Técnica? É importante lembrar, a este respeito, que todo o trabalho desenvolvido em conjunto entre o professor estagiário e a respectiva turma teve como cenário exclusivo o ciberespaço. O único momento extra ciberespaço foi a formação de grupos de trabalho, em número de sete (ver constituição nas páginas seguintes). Descrevo e analiso, na primeira secção deste capítulo, a forma como decorreu tal ensaio.

Complementarmente a esse ensaio, quis saber como encaram os estudantes a Internet e a utilização da mesma no dia-a-dia. Para isso procedi a um pequeno questionário aos alunos da turma referida, cujos resultados apresento na segunda secção do capítulo.

3.1. O ensaio com a wiki

No dia 22 de Março de 2013 foi enviado um *email* à turma TCLH 10 com o *link* para acederem à plataforma pbworks.com, a fim de se ambientarem à mesma. Este primeiro passo serviu, essencialmente, para reconhecimento da plataforma com que a turma iria trabalhar nos meses seguintes.

Dado que todo o trabalho seria desenvolvido no ciberespaço, no dia 6 de Abril de 2013 enviei à turma um tutorial com os passos necessários para que os grupos se registassem (ver anexo 1).

Na semana seguinte, no dia 13 de Abril de 2013, criei e enviei para a turma um segundo tutorial. Se o primeiro tutorial tinha o objetivo de ajudar os alunos no processo de registo, já o segundo tinha o objetivo de ajudar os alunos na função especializada de criação e edição de conteúdos na plataforma pbworks (ver anexo 2).

Nas duas semanas seguintes fui registando avanços por parte dos grupos de trabalho. Todas as actualizações e edições que eram efectuadas na plataforma eram monitorizadas por mim. Esta forma de monitorização do trabalho permitiu a análise sistemática das facilidades e dificuldades que os alunos tinham ao acederem à plataforma.

Depois dos grupos registados enviei, a 3 de Maio de 2013, os temas que gostaria que os respetivos alunos trabalhassem.

“Olá a todos

Tenho um pequeno trabalho que vos vai agradar, em muito.

O objectivo é a de criação de conteúdo que servirá para ir preenchendo a vossa WIKI. Cada grupo será responsável por desenvolver de forma livre e criativa os objectivos que lhes são propostos.

Boa Sorte a todos.

Outra coisa. Já temos uma página oficial do nosso filme documentário - sala 13 - :)"⁹.

Grupo I: **Objectivo:** escrever um texto de 20 linhas acerca da Felicidade

Júlio Reis
Diana Rodrigo
Catarina Ladeira
Rodrigo Roxo

Grupo II: **Objectivo:** Fazer uma lista de 20 anedotas filosóficas

Diogo Silva
Diogo Lopes
Hugo Pereira
Ricardo Mesquita

Grupo III: **Objectivo:** Escolher um discurso de uma personalidade à v. escolha (youtube) e fazerem respectivo comentário com base no manual da disciplina de filosofia.

Afonso Canavilhas
Diogo Pereira
Emanuel Gaspar

Grupo IV: **Objectivo:** Fazer um texto acerca do amor e da liberdade.

Ana Fernandes
Ricardo Ferrinho

Grupo V: **Objectivo:** 1- Definir o conceito de Dilema 2 - Construir um dilema do mundo contemporâneo e (tentar) solucioná-lo.

Ana Ferro
Maria Inês
Patrícia Pereira
Sara Gaspar

Grupo VI: **Objectivo:** Fazer uma lista 10 links de páginas de teor filosófico e 10 páginas pessoais de filósofos (páginas ou blogs)

⁹ <https://www.facebook.com/pages/Sala-13-Document%C3%A1rio/377661152352789?fref=ts>

Eduardo
Barbara
Sílvia
Cláudia

Grupo VII: **Objectivo:** em 20 linhas e uma imagem devem responder ao seguinte: "qual a importância da filosofia no mundo contemporâneo?"

João Figueira
Francisco
Leonor Ferreira
Joana Santos

Tabela 3. Wikis dos vários grupos

http://gatosdafilosofia.pbworks.com	Grupo 7
http://wer2awesome4you.pbworks.com	Grupo 5
http://asesdafilosofia.pbworks.com	Grupo 3
http://hugop14.pbworks.com	Grupo 2
http://filosofiaemuitofixe.pbworks.com	Grupo 1

A experiência não se inseriu, de um ponto de vista formal, em nenhuma unidade didática do programa de Filosofia. Contudo, cada tema foi escolhido com base nas personalidades e potencialidades de cada grupo. Se no Grupo 2 solicitei que fosse feita uma pesquisa na internet de anedotas filosóficas, no Grupo 5 solicitei uma tarefa mais conceptual e mais séria.

Existiu, da minha parte, a intenção de permitir aos alunos forjarem o espírito de pesquisa em rede e, conseqüentemente, produzirem para essa rede. Houve ainda a tentativa de criar uma aproximação entre o usuário e a rede, a fim de promover um desenvolvimento produtivo que criasse profundidade na experiência.

Dar a uma coletividade um meio de proferir uma expressão pluralista, sem passar por representantes, tal é o objetivo tecno-político da democracia no ciberespaço. Esta expressão coletiva poderia, por exemplo, apresentar-se como uma imagem complexa ou um espaço dinâmico, um mapa em movimento das práticas e das ideias do grupo. Cada um deles poderia situar-se num mundo virtual, onde todos contribuiriam para o seu enriquecimento através dos seus atos de comunicação. (Lévy, 1999, p. 44) ¹⁰

¹⁰ "Dar a una colectividad el medio de proferir una expresión pluralista, sin pasar por representantes, ese es el objetivo tecnopolítico de la democracia en el ciberespacio. Esta expresión colectiva podría, por ejemplo, presentarse como una imagen compleja o un espacio dinámico, un mapa en movimiento de

22

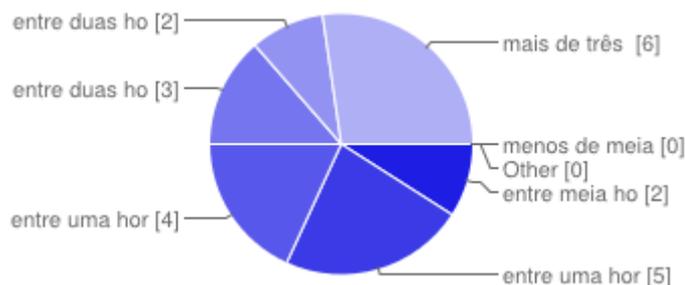
3.2. O questionário sobre a Internet

Existe a noção que a internet é uma tecnologia cuja inovação está assente no conhecimento acumulado. Os utilizadores percebem o quão comum é utilizar a internet e, por conseguinte, procuram tirar benefícios desse serviço. O questionário cuja análise se segue teve por base a ideia de auscultar os princípios que regem a utilização que um aluno do 10º ano de escolaridade faz da internet (ver anexo 3). Este estudo empírico teve como base 25 alunos da turma CTLH 10 na disciplina de Filosofia. A turma é composta por 25 alunos, de idade compreendida entre os 15 e os 18 anos. Dos 25 alunos, 3 não desejaram responder ao inquérito. Apresenta-se a seguir, para cada pergunta, os respetivos resultados apurados.

las prácticas y de las ideas del grupo. Cada cual podría situarse en un mundo virtual que todos contribuirían a enriquecer y a forjar por medio de sus actos de comunicación.”

P1. Quanto tempo passas por dia na internet?

Gráfico 1. Tempo passado na internet



Menos de meia hora	0	0%
Entre meia hora e uma hora	2	9%
Entre uma hora e uma hora e meia	5	23%
Entre uma hora e meia e duas horas	4	18%
Entre duas horas e duas hora e meia	3	14%
Entre duas horas e meia e três horas	2	9%
Mais de três horas	6	27%

Como pode ser observado no gráfico 1, 27 % dos inquiridos passa mais de três horas na internet, sendo que ninguém passa menos de meia hora na rede. A própria questão pretende ser indicadora da importância que esta tecnologia tem para os alunos em termos de utilização. A internet é já um utensílio da vida destes alunos.

P2. Acedes a plataformas sociais?

Gráfico 2. Acesso a redes sociais



Como se pode ver no gráfico 2, 95% dos alunos confirmam que usam as redes sociais. Ora, como sabemos, grande parte do tempo despendido em rede serve para socializar. Um dos elementos mais significativos da popularidade da internet são estas ferramentas Web 2.0,

que tal, como foi referido anteriormente, catapultaram o utilizador para uma nova forma de interagir em rede.

Na sequência da pergunta anterior, pedia-se aos alunos o seguinte:

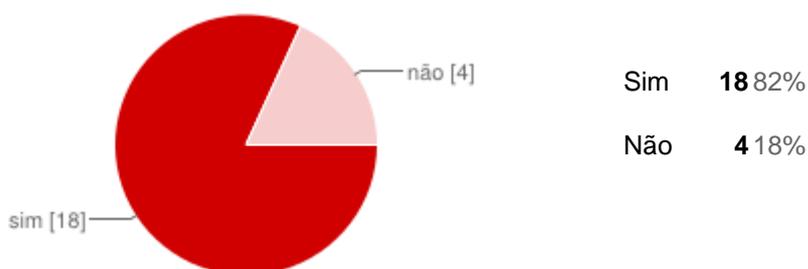
P2.1. Se sim, das plataformas ou redes sociais seguintes indica a que mais utilizas:

Facebook | Youtube | Skype | Tumblr | Twitter | Ask.fm | Gmail | We heart it

NOTA. Uma descrição de cada uma destas redes sociais encontra-se no anexo 4.

P3. Acedes a motores de busca para fazeres os trabalhos de casa?

Gráfico 3. Acesso a motores de busca para trabalhos de casa



Verifica-se que a grande maioria dos alunos (82%) utiliza motores de busca para realizar trabalhos de casa. A informação que existe em rede, aliada aos motores de busca, permite que os alunos tenham acesso a informação relevante para completar as tarefas da escola proporcionando, talvez, um apoio na resolução dos mesmos.

Os motores de busca são, assim, facilitadores do trabalho de casa, porque, para além de permitirem a recolha de informação, muitas das vezes, simplificada, permitem um apoio académico importante.

P4. Utilizas motores de busca com outras finalidades?

Gráfico 4. Uso dos motores de busca com outros fins



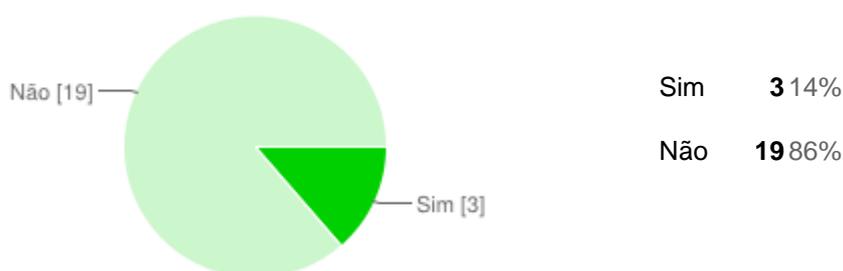
Os motores de busca são a ferramenta essencial para que se encontre o desejado. A tabela que se segue pretende ser demonstrativa e reveladora daquilo que os alunos pesquisam e, por conseguinte, consomem.

Tabela 4. Categorias de pesquisa

<i>Informação variada</i>	Entretenimento
<i>Vídeos</i>	Entretenimento
<i>Filmes</i>	Entretenimento
<i>Curiosidades</i>	Entretenimento
<i>Downloads</i>	Entretenimento
<i>Sites</i>	Entretenimento
<i>Pesquisas ocasionais</i>	Entretenimento
<i>Doenças</i>	Saúde
<i>Cultura geral</i>	Cultura
<i>Receitas de culinária</i>	Entretenimento
<i>Notícias</i>	Entretenimento
<i>Blogs</i>	Entretenimento
<i>Pessoas, celebridades</i>	Entretenimento
<i>Imagens</i>	Entretenimento

P5. Tens algum blog?

Gráfico 5. Posse de blogue

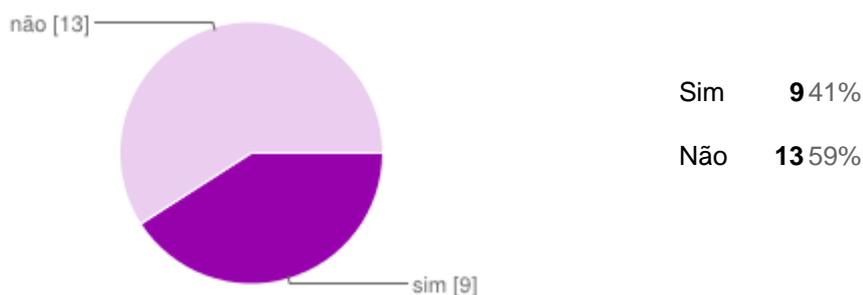


O blog é, como se sabe, uma ferramenta “cuja informação está organizada da mais recente para a mais antiga (em “post”), frequentemente actualizado com opiniões, emoções, factos, imagens, etc. Disponibiliza um índice de entrada e pode conter apontadores para outros sites” (Cruz, 2008, p. 18). Ora, verifica-se que 86% dos alunos da turma CTLH não tira proveito desta ferramenta. Só uma minoria de 14% possui um blog, no entanto, ou está desactualizado ou inactivo.

A relação entre o papel de produtor e o de consumidor de informação em rede e para a rede é notória neste gráfico, que faz pensar numa possível tendência para o sedentarismo digital. A questão que se segue pretende perceber quais as tendências que os alunos têm na relação de partilha de informação.

P6. Costumas partilhar informação na Internet?

Gráfico 6. Partilha de informação na internet



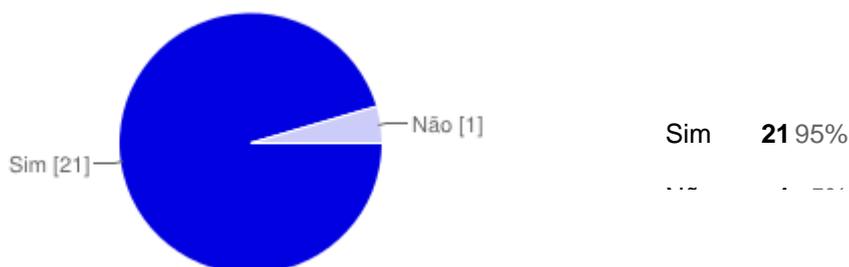
Verificam-se duas coisas importantes e reveladoras na atitude que os alunos da turma têm em relação ao uso que fazem da internet: 59% diz que não partilha informação na internet, sendo que 41% partilha informação. A maioria dos alunos, para além de comunicarem entre si e de consumirem informação de outros utilizadores, pode ter uma atitude passiva perante a natureza primordial da internet. A falta de iniciativa por parte dos alunos em partilharem informação em rede pode levar a uma não sustentabilidade da mesma, porque a rede faz-se pela actividade dos utilizadores.

P6.1. Se respondeste sim, indica três formas através das quais partilhas essa informação:

As redes sociais assumem o papel de veículos de partilha de informação. Na resposta a esta questão, os alunos referem que o facebook é o sítio na internet onde a informação é partilhada.

P7. Sabes o que é uma WIKI?

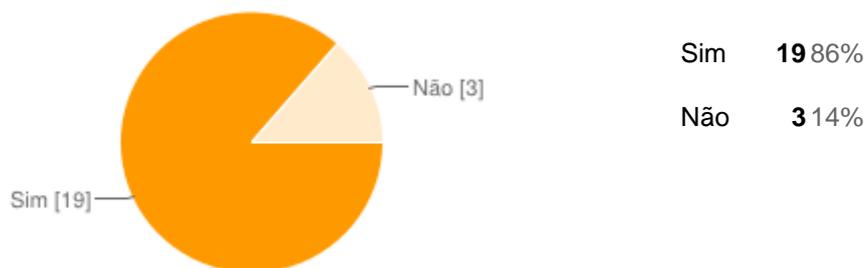
Gráfico 7. Conhecimento das wiki



Verifica-se que 95% dos inquiridos sabem o que é uma wiki. No entanto, antes do questionário ter sido feito, os alunos em sala de aula, e quando questionados pelo professor estagiário, confundiam a ferramenta wiki com a sobejamente conhecida plataforma wikipédia. A grande maioria estava familiarizada com o termo wiki.

P8. Sabes como funciona o conceito de WIKI?

Gráfico 8. Conhecimento do funcionamento das wiki



O gráfico 8 mostra que a grande maioria dos alunos (86%) diz conhecer como funcionam as wikis.

P9. Vês alguma utilidade nas WIKI's?

Gráfico 9. Utilidade das wiki



P9.1. Se respondeste sim, indica-a:

Os alunos veem utilidade na plataforma wiki. Segundo algumas respostas, ele conseguiram perceber que se “estuda melhor”, que é uma “forma eficaz de apreender novos conceitos”, uma “boa maneira de expor trabalhos”, de “partilha de informação”, e que “permite informar leitores”.

P10. Consegues descrever como seria o teu quotidiano sem Internet?

A internet fomenta a investigação e um sentido prático de autonomia no utilizador. Citando Lévy, a cibercultura “é a expressão da aspiração de construção de um laço social” que seria fundado “sobre a reunião em torno de centro de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração” (Lévy, 1999, p.130). Quando questionados sobre como seria o seu quotidiano sem internet, os alunos disseram coisas como as seguintes: “seria muito aborrecido, pois actualmente usamos a internet para tudo”, “Não tinha acesso a tanta informação com tanta facilidade”, “Não seria a mesma e não teríamos o mesmo conhecimento sobre o mundo”, “Secante”, “As pessoas aproveitavam melhor a vida e passavam mais tempo fora de casa. Por outro lado, existiria muita ignorância”, “Não consigo imaginar a minha vida sem internet”.

P11. Pode a Internet estar ao serviço da educação? Qual o seu sentido na educação?

O uso da internet na escola não é um hábito. Os alunos, como já foi referido na questão anterior, usam de forma regular a internet para socializarem e para pesquisarem conteúdos. Penso que depois da aplicação das wikis em práticas filosóficas, os alunos sensibilizaram-se e consciencializaram-se mais para o uso de boas práticas no acesso e na construção de um saber colectivo. Não existiu, por parte de nenhum aluno, respostas negativas quanto ao serviço que a internet presta na educação. Já quando questionados acerca do sentido que a mesma tem na educação, as respostas vão na mesma direção: “acesso mais facilitado à informação”, “há sempre sites que têm como objectivo o desenvolvimento da educação para aqueles que têm aulas em casa”, “facilidade de acesso”, “disponibiliza informação”, “facilita a comunicação”, “Ato de aprender e de ensinar”, “Alarga o conhecimento”, “Uma maneira mais fácil de comunicar com os professores”, “obtemos muita informação que nos pode ajudar a completar ou melhorar trabalhos da escola”.

Conclusão

Atualmente, a atividade docente é acompanhada por diversos desafios que nos conduzem a propostas ricas na forma e acto de comunicar. A internet, com as ferramentas que lhe estão associadas, aumenta os níveis de exigência e de abertura às circunstâncias da vida profissional enquanto docente. Existimos num tempo em que o papel do professor não condiz com a imagem do passado.

O trabalho realizado na Escola constituiu um momento importante de aprendizagem, foi uma fase de organização e estruturação do trabalho. A aquisição de experiência, ao nível dos conteúdos leccionados em Filosofia e das metodologias utilizadas, foi importante para realizar este estudo sobre as wikis de forma a criar novas perspectivas no ensino da Filosofia. Durante as aulas procurei proporcionar aos alunos o acesso a novas formas de comunicação, utilizando a internet, e motivando-os através do recurso a apresentações que envolvessem as novas tecnologias. Os alunos estão, definitivamente, envolvidos com as novas formas de comunicação, a publicidade, a televisão e, principalmente, a internet. É preciso facultar aos alunos ferramentas para que haja uma transição pacífica entre o trabalho da sala de aula e a forma como eles coabitam fora da escola com estas tecnologias.

Neste contexto, o meu estudo consistiu na criação de uma WIKI filosófica, na turma CTLH10. Esta experiência serviu para criar uma estratégia de encontro entre o saber filosófico e os próprios alunos. A wiki fortaleceu os laços do grupo porque os entusiasmava a comunicar, a ouvir e a presenciar a construção de algo em comunidade, e que ficará na memória coletiva. Os alunos possuíam dificuldade em se exporem na rede; no entanto, esta dificuldade de objetivação foi superada, porque havia uma crença positiva no trabalho que estavam a desenvolver.

Referências

Almeida, M. M. B. (Coord.), Henriques, F., Vicente, J. N., & Barros, M. R. (2001). *Programa de Filosofia 10º e 11º Anos, Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos, Formação Geral*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.

Anderson, P. (2007). What is Web 2.0? Ideas, technologies and implications for education. *JISC Technology and Standards Watch*, Feb. 2007. Consultado em 21 de Maio de 2013, em <http://www.jisc.ac.uk/media/documents/techwatch/tsw0701b.pdf>

Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, Lisboa.

Bell, D. (1977). *O advento da sociedade pós-Industrial*. S. Paulo: Cultrix.

Bergson, H. (1990). *Matéria e memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. S. Paulo: Martins Fontes.

Bottentuit Junior, J. B., & Coutinho, C. P. (2008). Wikis em educação: potencialidades e contextos de utilização. In A. A. A. Carvalho (Org.), *Actas do Encontro sobre Web 2.0* (pp. pp. 336-341). Braga: CIEd. Consultado em 2 de Maio de 2013, em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8460/1/Jo%C3%A3oS009.pdf>

Carvalho, A. A. A. (Org.) (2008). *Manual de ferramentas da web 2.0 para professores*. Lisboa: Ministério da Educação, Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Consultado em 11 de Maio de 2013, em http://www.crie.min-edu.pt/publico/web20/manual_web20-professores.pdf

Castells, M. (2001). *La galaxia internet*. Madrid: Areté. Consultado em 12 de Maio de 2013, em <http://ebookbrowse.com/gdoc.php?id=476918133&url=99c5c9976b2da2e33300590983ed9a08>

Conselho Europeu de Lisboa (2000, 23-24 de Março). *Conclusões da Presidência*. Consultado em 23 de Maio de 2013, em http://www.unic.pt/images/stories/publicacoes2/Concl_Presid_C_Europeu_Lisboa.pdf

Coutinho, C. P. (2008). Tecnologias web 2.0 na escola portuguesa: estudos e investigações. *Revista Paidéia, Santos*, v. 1, n. 2. Consultado em 5 de Junho de 2013, em

[http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=viewFile&path\[\]=42&path\[\]=29](http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=viewFile&path[]=42&path[]=29)

Coutinho, C. P., Bottencouit Junior, J. B. (2007). Blog e Wiki: os futuros professores e as ferramentas da Web 2.0. *SIIE'2007*, 14-16 Novembro de 2007. Consultado em 23 de Maio de 2013, em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7358/1/Com%2520SIIE.pdf>

Cruz, S. (2008). Blogue, Youtube. In A. A. A. Carvalho (Org.), *Manual de ferramentas da web 2.0 para professores* (pp. 15-40). Lisboa: Ministério da Educação, Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Consultado em 11 de Maio de 2013, em http://www.crie.min-edu.pt/publico/web20/manual_web20-professores.pdf

Domingues, J. (2010) O paradigma mediológico - Debray depois de McLuhan: Covilhã: Laboratório de Comunicação On-line (www.labcom.ubi.pt). Consultado em 9 de Maio de 2013, em http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110817-domingues_paradigma_2010.pdf

Hume, David.(2008). *Investigação sobre o entendimento humano*. Lisboa: Edições 70

Lévy, P. (2004). *Inteligencia colectiva: por una antropología del ciberespacio*. Washington: Biblioteca Virtual en Salud. Consultado em 21 de Maio de 2013, em <http://ebookbrowse.com/gdoc.php?id=89816652&url=d6c0592e36195df084271f99b0b12130>

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. S. Paulo: Editora 34. http://search.4shared.com/postDownload/1E7oIM7D/Cibercultura_-_Pierre_Levy.html

Moura, C. (2002). A vertigem - Da Ausência como Lugar do Corpo. Covilhã. Bocc (Biblioteca Online de Ciências da Comunicação - www.bocc.ubi.pt).Universidade da Beira Interior. Consultado em 6 de Maio de 2013, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moura-catarina-culturas-vertigem.pdf>

Negroponete, N. (1996). *Ser digital*. Lisboa: Caminho.

O'Reilly, T. (2005, 30 de Setembro). What Is Web 2.0: Design patterns and business models for the next generation of software. Consultado em 27 de Abril de 2013, em <http://www.oreillynet.com/lpt/a/6228>

Postman, N. (1994). *Tecnopolia: quando a cultura se rende à tecnologia*. Lisboa: Difusão Cultural.

Rilke, R.M. (2007). *Os sonetos a Orfeu e Elegias de Duíno*. Tradução de Vasco Graça Moura. Lisboa. Bertrand.

S. Agostinho (2001). *Confissões - Livros VII, X e XI*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Sloterdijk, Peter (2000). *Regras para um Parque Humano*. São Paulo: Estação Liberdade.

Consultado em 3 de Março de 2013, em

<https://docs.google.com/file/d/0B6eHj5egjfFvaXhhN1FWZ0hYVGs/edit?pli=1>

Sousa, T., & Malheiros, J. V. (2005, 10 de Março). Manuel Castells: "Não precisamos de inventar outra estratégia de Lisboa" (Entrevista). *Público*. Consultado em 27 de Maio de 2013, em <http://www.publico.pt/destaque/jornal/nao-precisamos-de-inventar-outra-estrategia-de-lisboa-10499>

Tapscott, D., & Williams, e A. D. (2007), Lisboa. Quidnovi

Virilio, Paul. (2000) *A velocidade da libertação*, Lisboa: Relógio d'Água

Anexos

Pequeno tutorial Introdução



Relaxem... é só mais um sítio

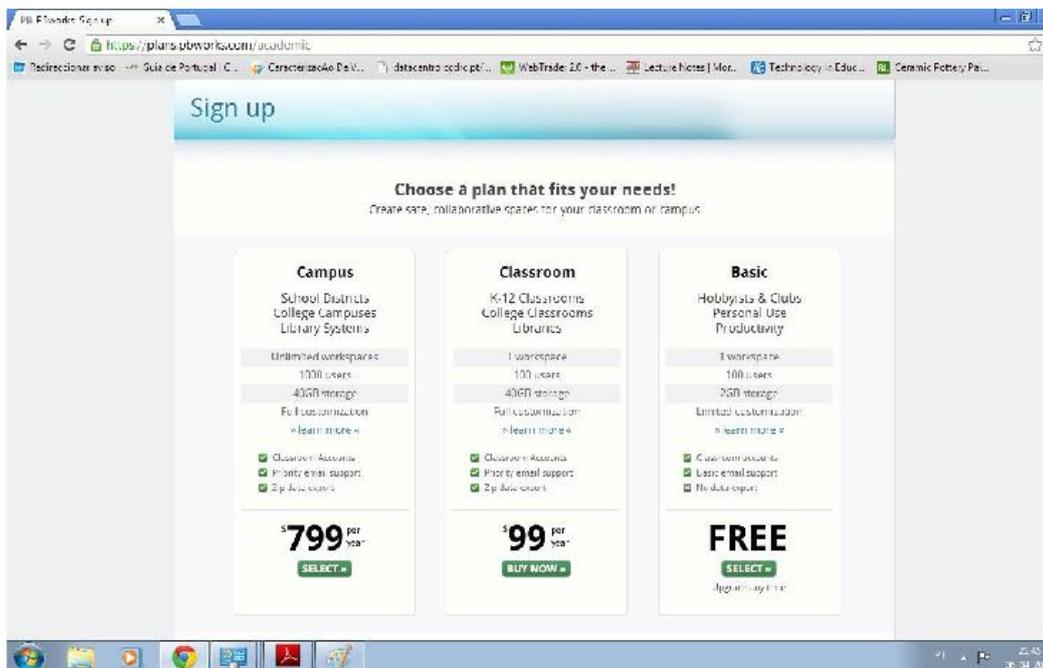
Site: <http://pbworks.com/> cliquem canto inferior direito



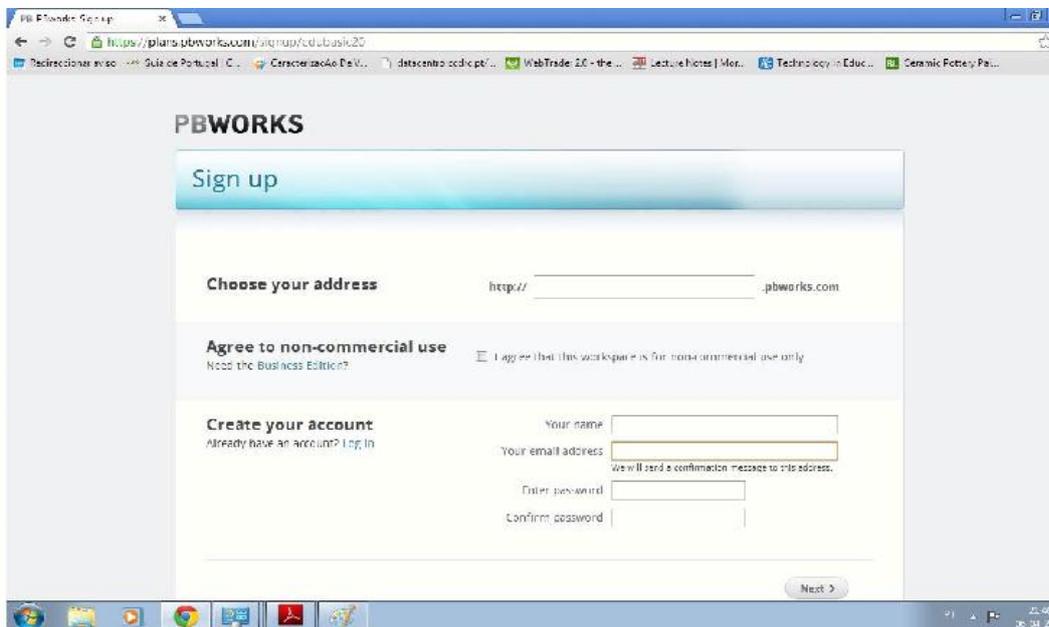
GET STARTED - canto superior direito



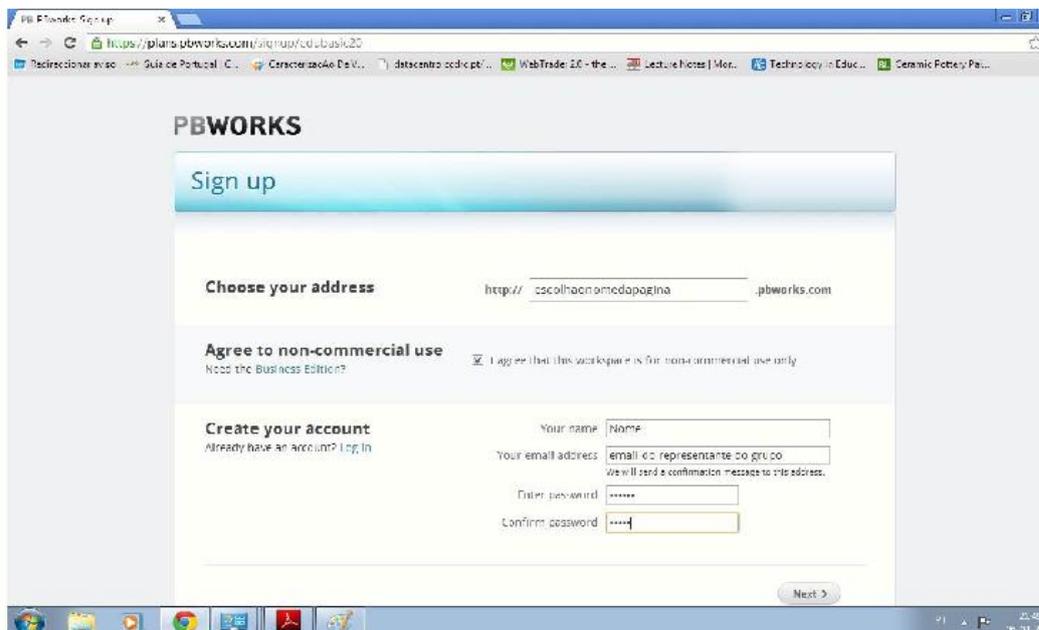
Cliquem em Free



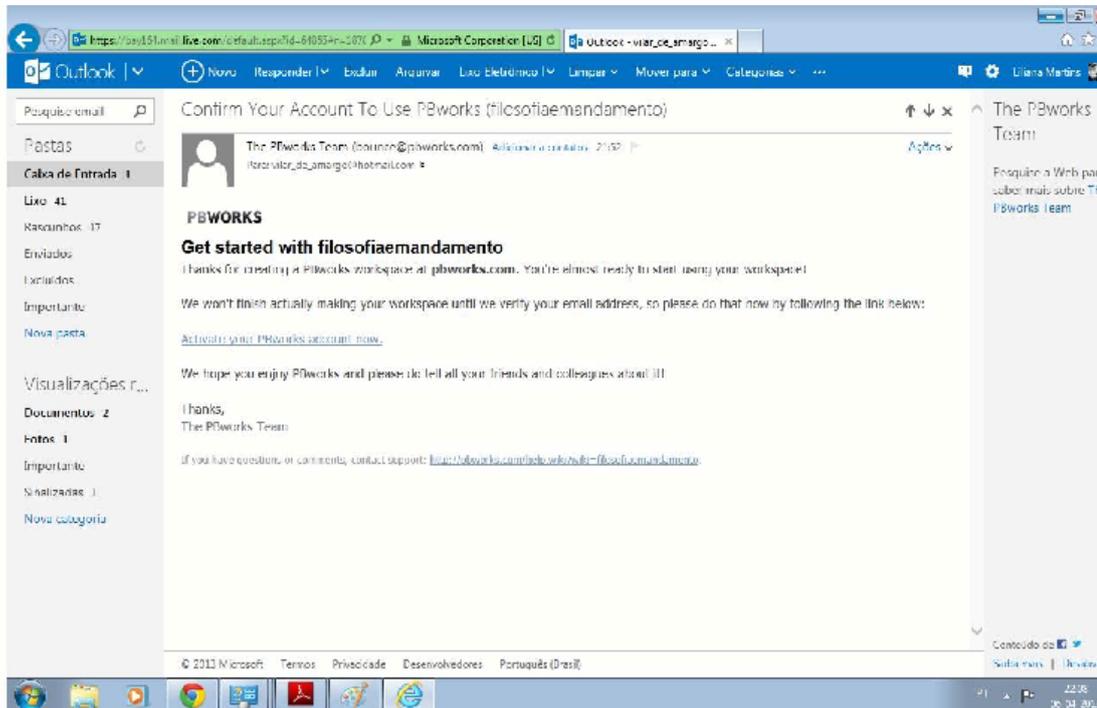
Depois de preencherem os campos em aberto cliquem em Next



EXEMPLO 1



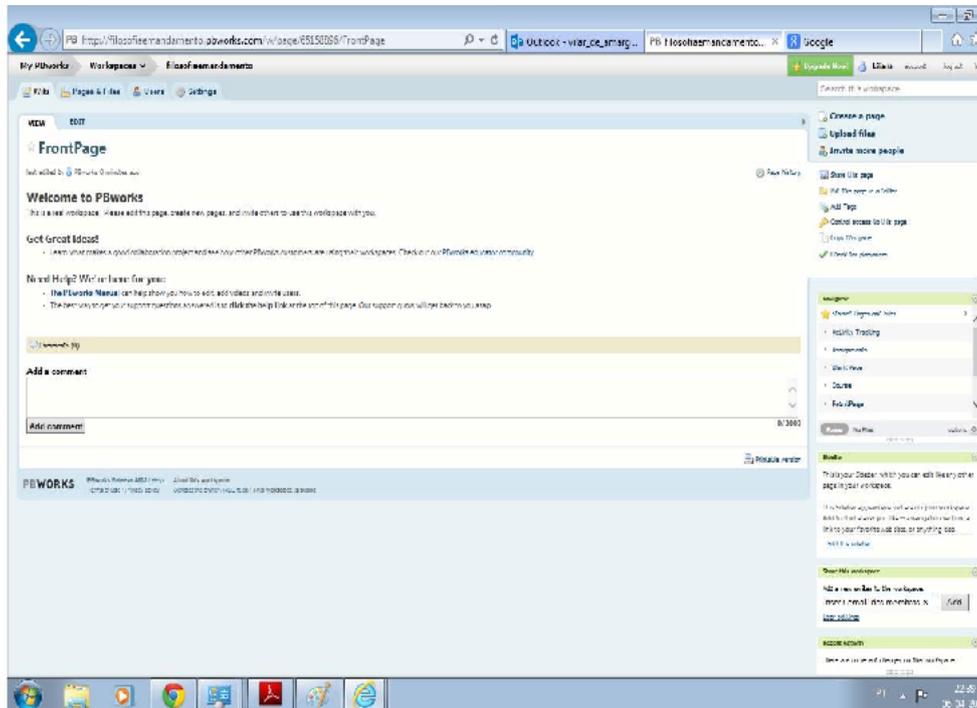
FAZER VERIFICAÇÃO DE CONTA



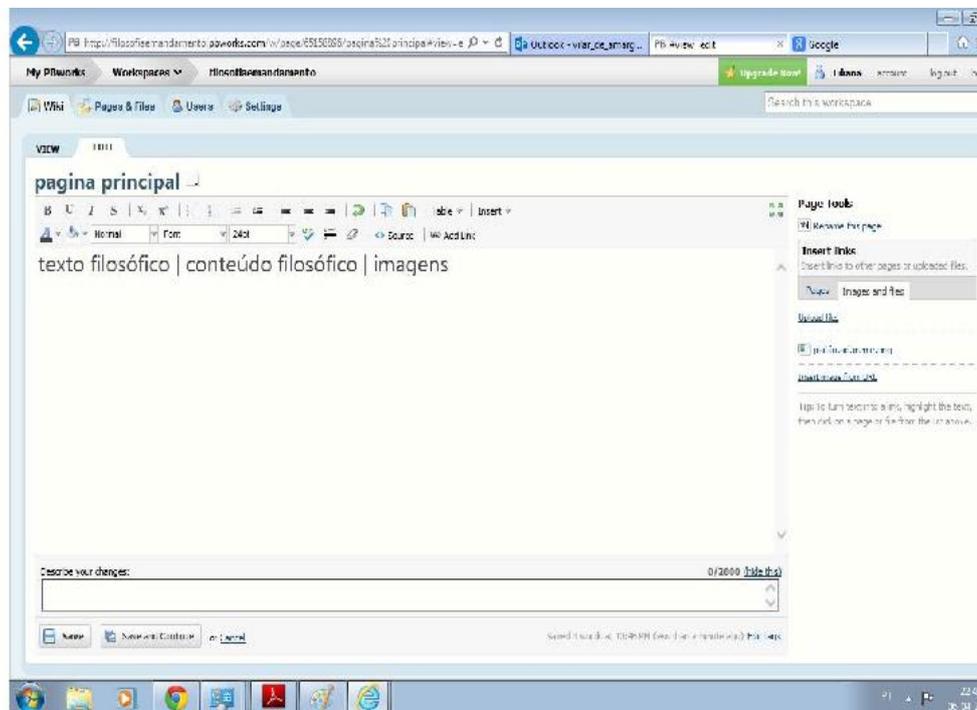
Bem vindos - cliquem - take me to work...



EXEMPLO 1



EXEMPLO 2



GRUPOS:

Mínimo: 2

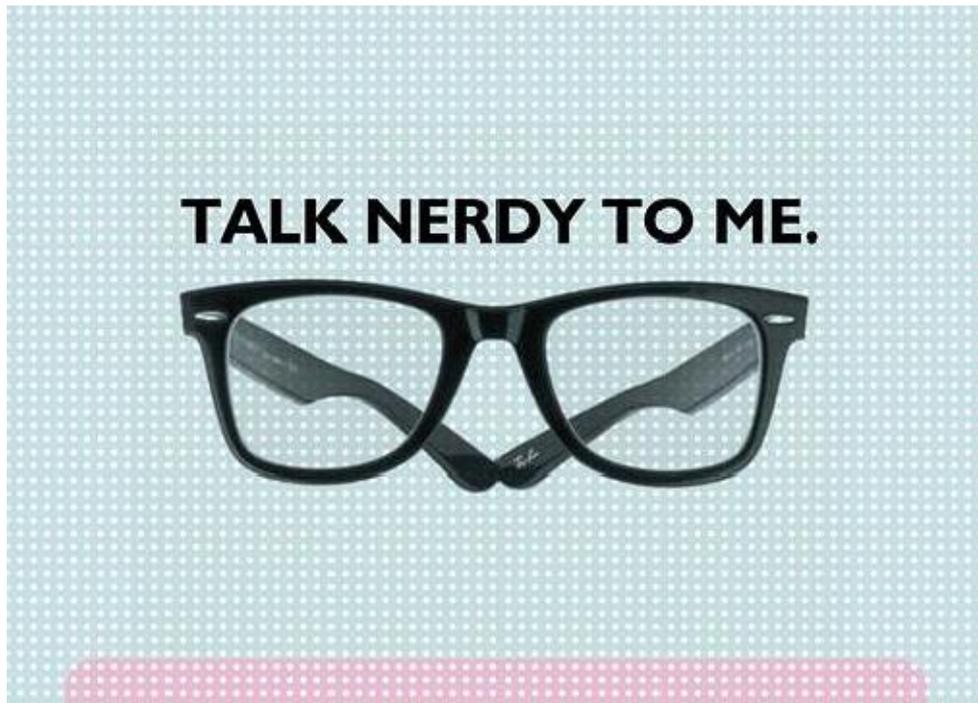
Máximo: 4

Dúvidas: leitao_castanheira@hotmail.com

Obrigado a todos



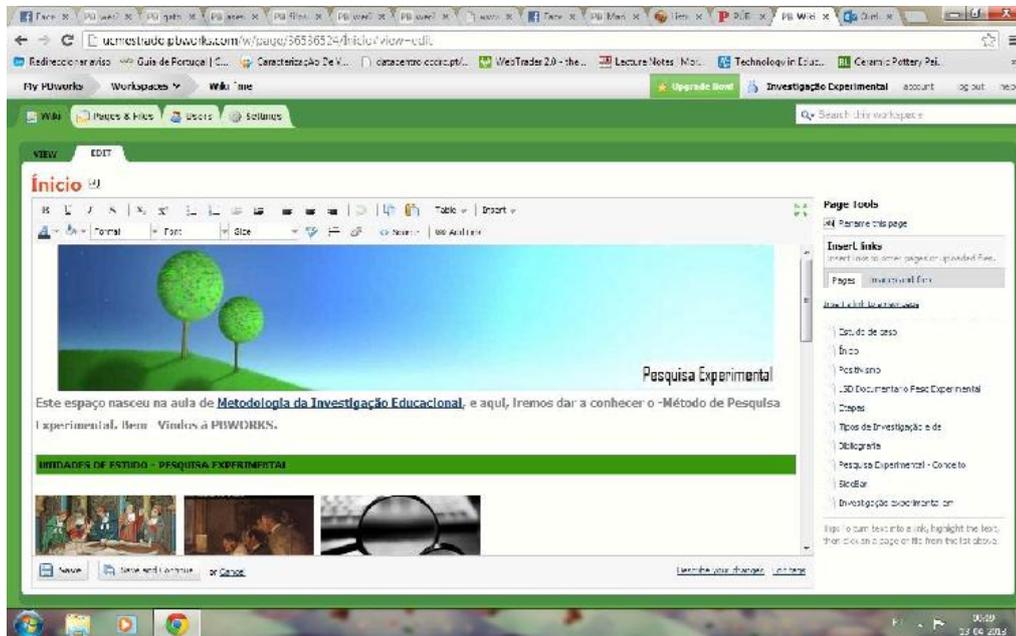
Tutorial II



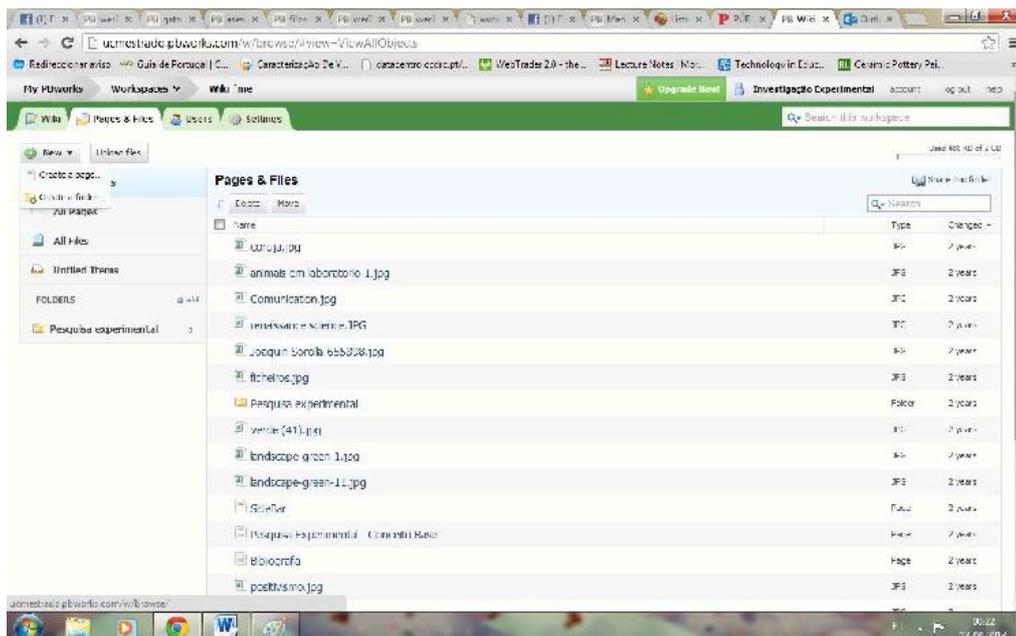
Edição de títulos
Criação de Páginas

Um Exemplo com tabelas, imagens, links

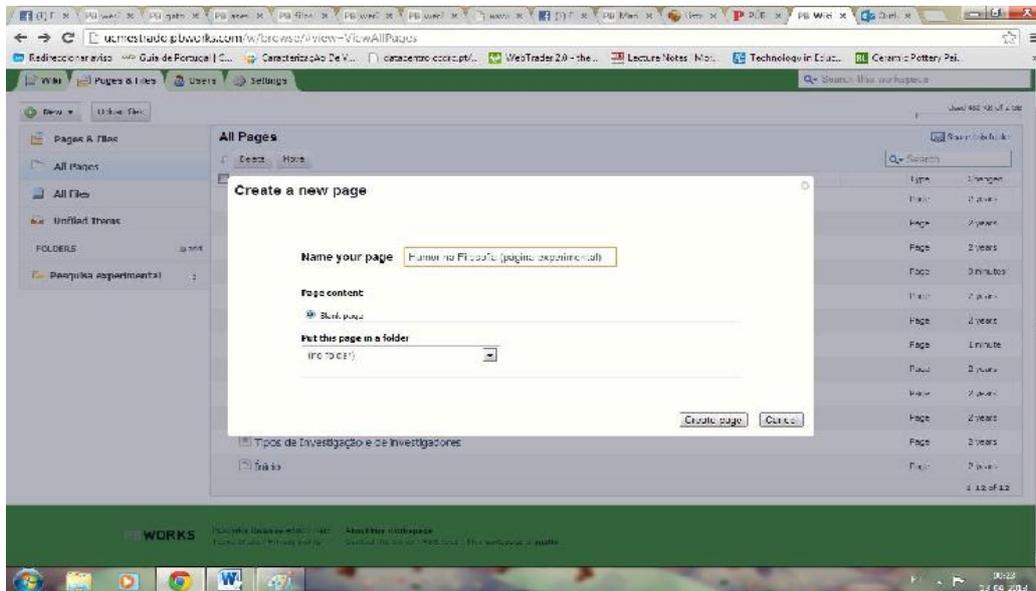
VIEW PAGE - INÍCIO



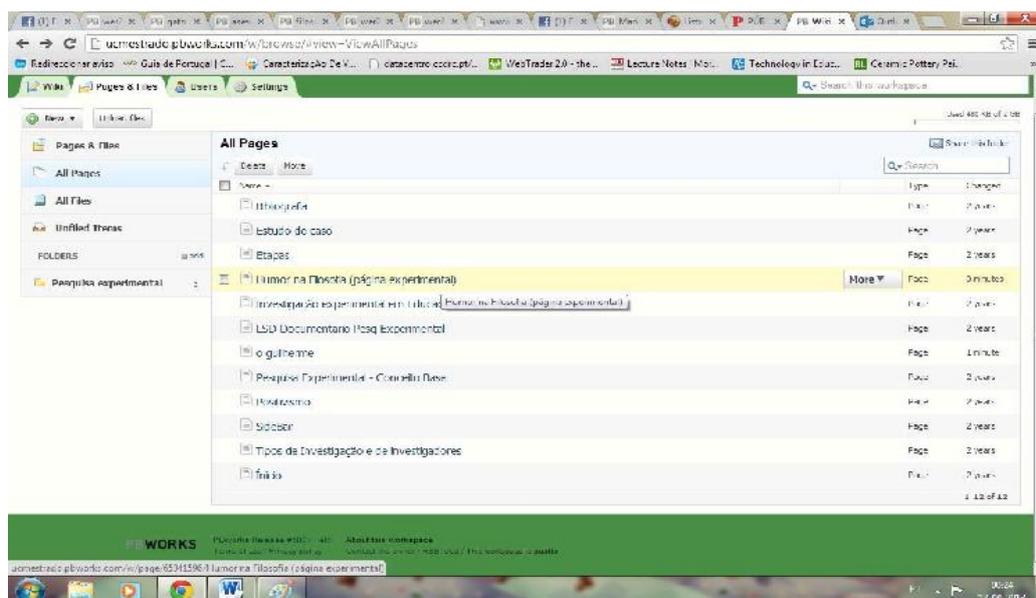
Existem várias formas de criar páginas. - PAGES AND FILES - canto superior esquerdo

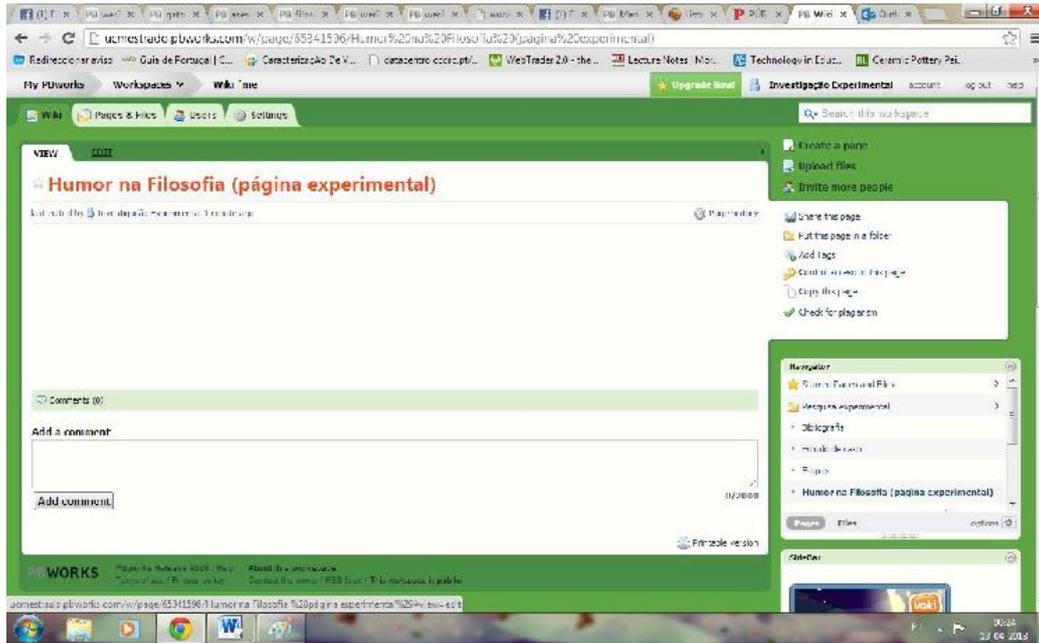


Escolher o nome que querem dar à página e -
CREATE PAGE -

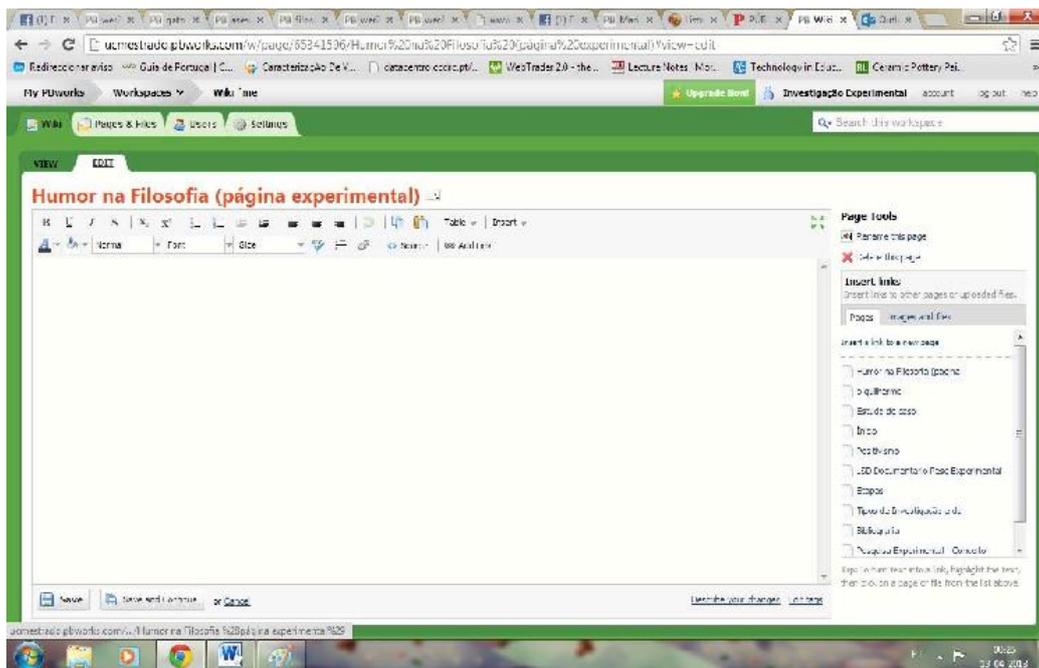


DEPOIS DE CRIADA, CLIQUEM NA PÁGINA
CRIADA

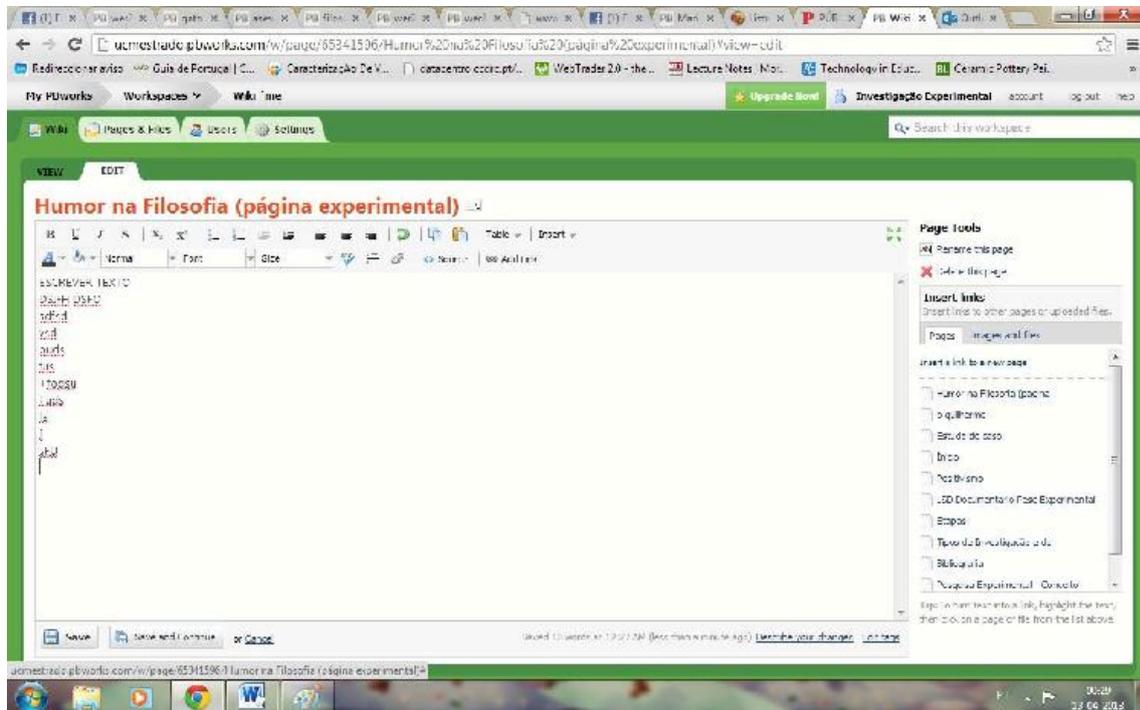




INSERIR CONTEÚDO: TEXTOS, IMAGENS, LINKS ETC... NO FIM DE TUDO: NO CANTO INFERIOR ESQUERDO CLIQUEM EM SAVE AND **CONTINUE**



Dúvidas?



Leitao_castanheira@hotmail.com

Anexo 3. Questionário

Quanto tempo passas por dia na internet?

Menos de meia hora

Entre meia hora e uma hora

Entre uma hora e uma hora e meia

Entre uma hora e meia e duas horas

Entre duas horas e duas hora e meia

Entre duas horas e meia e três horas

Mais de três horas

Outra

Acedes a plataformas sociais?

Sim

Não

Se sim, das plataformas ou redes sociais seguintes indica a que mais utilizas

Acedes a motores de busca para fazeres os trabalhos de casa?

Sim

Não

Utilizas motores de busca com outras finalidade?

Sim

Não

Se respondeste sim, indica três dessas finalidades:

Tens algum blog?

Sim

Não

Costumas partilhar informação na Internet?

Sim

Não

Se respondeste sim, indica três formas através das quais partilhas essa informação
Sabes o que é uma WIKI?

Sim

Não

Sabes como funciona o conceito de WIKI?

Sim

Não

Vês alguma utilidade nas WIKI's?

Sim

Não

Se respondeste sim, indica-a:

Consegues descrever como seria o teu quotidiano sem Internet?

Pode a Internet estar ao serviço da educação? Qual o seu sentido na Educação?

Anexo 4. Caraterização das redes sociais

Facebook: Fundada em 2004, o facebook tem a missão de dar às pessoas o poder de partilhar e fazer do mundo algo mais aberto e conectado. As pessoas usam o facebook para estarem conectadas aos amigos e à família e, também, para saberem mais acerca do que se passa no mundo, e para partilharem e expressarem o que mais lhes interessa.¹¹

Youtube: Fundado em Fevereiro de 2005, o YouTube permite a milhões de pessoas descobrir, ver e partilhar vídeos originais. O YouTube oferece aos utilizadores um fórum que permite que as pessoas se liguem, informem e inspirem outras pessoas em todo o mundo e funciona como uma plataforma de distribuição de conteúdos originais para criadores e anunciantes, sejam grandes ou pequenos.¹²

Skype: “O Skype permite comunicar e colaborar com outras pessoas sempre que estiverem afastados. As mensagens instantâneas, chamadas de voz e videochamadas do Skype tornam fácil partilhar experiências com as pessoas mais importantes para si, onde quer que estas estejam. Com o Skype, pode partilhar uma história, celebrar um aniversário, aprender um idioma, realizar uma reunião ou trabalhar com colegas, ou seja, praticamente qualquer acção que necessite de efectuar todos os dias com outras pessoas”.¹³

Tumblr: Fundado em Fevereiro de 2007 “o Tumblr permite partilhar facilmente qualquer coisa. Publicar textos, fotografias, citações, links, música e vídeos com o browser, telemóvel, computador de secretária, e-mail ou de onde quer que se esteja. Pode-se personalizar tudo, desde as cores até ao HTML do seu tema.”¹⁴

Twitter: “é uma rede de informação em tempo real que conecta você às últimas histórias, ideias, opiniões e notícias sobre o que há de mais interessante. Basta encontrar as contas que você mais se identifica e seguir as conversas. O Twitter é composto por pequenas explosões de informação chamadas Tweets. Cada Tweet tem até 140 caracteres, mas não se deixe enganar pelo tamanho da mensagem; você pode descobrir muita coisa em pouco espaço. Você

¹¹ “Founded in 2004, Facebook’s mission is to give people the power to share and make the world more open and connected. People use Facebook to stay connected with friends and family, to discover what’s going on in the world, and to share and express what matters to them.” <http://newsroom.fb.com/Key-Facts>

¹² <http://www.youtube.com/yt/about/pt-PT/index.html>

¹³ <http://www.skype.com/pt/about/>

¹⁴ <http://www.tumblr.com/about>

pode ver fotos, vídeos e conversas diretamente nos Tweets e acompanhar toda a história num piscar de olhos, tudo em um único lugar.”¹⁵

Ask.fm: é uma rede social que tem como função permitir a qualquer usuário registado ou anónimo fazer perguntas e obter a respetiva resposta de forma bastante simples.

Gmail: Serviço gratuito de webmail que permite, para além, do correio eletrónico, comunicar através de outras funcionalidades (chat, vídeo).

We heart it: rede de armazenamento e partilha de imagens.

¹⁵ <https://twitter.com/about>